

*Mr. José Pinto Castro
Luar office, a ...*

ECHOS DA MINH'ALMA.

924

POESIAS

DE

Adelia Josephina de Castro Fonsêca,

NATURAL DA BAHIA,

DEDICADAS A S. M. A IMPERATRIZ,

e publicadas com o fim de ser o seu producto liquido
applicado a bem das familias pobres dos bravos da nossa armada,
fallecidos na guerra do Sul.

Bahia

TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.,

RUA DE SANTA BARBARA N. 2.

1866

Listo

ECHOS DA MINH'ALMA.

ECHOS DA MINH'ALMA.

POESIAS

DE

Adelia Josephina de Castro Fonseca,

NATURAL DA BAHIA,

DEDICADAS A S. M. A IMPERATRIZ,

e publicadas com o fim de ser o seu producto liquido applicado a bem das familias pobres dos bravos da nossa armada, fallecidos na guerra do Sul.

Bahia

TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.,

RUA DE SANTA BARBARA N. 2.

1866

DEDICATORIA

A' S. M. A IMPERATRIZ.

Quando, opprimida por cruel saudade,
A ti piedade com fervor pedi,
De prompto a chaga, pela dor causada,
Cicatrizada no meu peito eu vi.

Do pobre ente, que nem tu sonhavas,
E mal pensavas que existisse então,
Pungentes magoas acalmou, graciosa,
Tua piedosa, bemfazeja mão!

Dês-de esse instante, em florescente palma,
Dentro em minh'alma a gratidão brotou;

Dês-de esse instante a protectora santa
Á esposa encanta, que feliz tornou.

Qual moribundo, quando a lousa tóca,
E um santo invóca, que salvá-o vem,
O seu thesouro de maior valia
Grato lhe envia, por tamanho bem,

Assim minh'alma, que remir quizeste,
Quando lhe dêste da ventura a flôr,
Vem, quanto, avára, enthesourou na vida,
Agradecida, em tuas mãos depôr.

Accita o mimo, porque o mimo é nobre,
—Embora pobre seja a mão que o dá;—
Mimo é de um alma, Imperatriz amada,
Onde gravada tua imagem stá.

PROLOGO.

Instada, diversas vezes, por algumas pessoas de minha amizade, entre ellas o Snr. Francisco Moniz Barretto, insigne poeta, e primeiro repentista brasileiro, para que mandasse imprimir as minhas poesias, recusei sempre annuir a isso, não só por julgar que os meus pobres versos não mereciam as honras da publicação, como por sentir uma repugnancia invencivel em trocar por dinheiro aquillo, que me sahira tão do fundo do coração.

Parecia-me que parte d'aquellas lettras estavam ainda humedecidas pelas lagrimas que derramei, quando as escrevi; e vendel-as—seria profanar o sentimento tão puro, que m'as havia inspirado.

Hoje, porem, resolvo-me a publicar es-

ses, que intitulei «ECHOS DA MINHA ALMA;» porque a quantia, que resultar d'esta publicação, servirá para enxugar algumas lagrimas, talvez mais amargas do que foram as minhas, e longe de o profanar, purificaria esse sentimento, se elle não fosse por si mesmo immaculado.

Estou convencida de que ninguem, depois de ler o meu livro, por mais insulso e defeituoso que o ache, lamentará a quantia que houver com elle despendido, attendendo ao fim, a que he destinada, e menos censurará que, como brasileira, eu lance mão do unico meio, que possuo, de prestar um pequeno serviço ás familias desvalidas dos bravos, que se sacrificaram gloriosamente pelo Brasil.

Meu marido, do theatro da guerra, onde se acha, approvará, por certo, a lembrança, que tive de seus irmãos de armas; e a approvação d'elle me tornará menos amargas as longas horas de tão prolongada ausencia.

Dediquei o meu livro á S. M. a Imperatriz, por dever a tão virtuosa Soberana, uma das maiores felicidades de minha vida; e seria bem ingrata, si um dia chegasse a esquecel-o.

Resta-me agradecer, em meu nome, e no das familias dos nossos irmãos maritimos, ao Snr. Francisco Moniz Barretto a espontaneidade, com que se prestou a ajudar-me na revisão dos meus pobres versos; ao Snr. Camillo de Lellis Masson a generosa reducção que fez no preço da impressão, e aos Snrs. assignantes o haverem contribuido para que eu pudesse realizar um dos mais ardentes desejos do meu coração. As benções do Céu, sejam a recompensa de todos.

A. S. M. A IMPERATRIZ.

**Formosa estrella d'Italia,
Que vieste, do Brasil
O céu, tão cheio d'encantos,
Tornar inda mais gentil ;**

**Que deixaste o velho mundo,
Suas grandezas, seu povo,
Para vir 'n outro hemispherio
Aditar um mundo novo ;**

Depois que meiga te vejo
Fulgurando na Bahia,
'Nesta plaga que Moêma
Encheu de tanta poesia,

Acho-a mais leda, mais bella ;
E, pois que mais me seduz,
Não me roubes este enlêvo,
Privando-a da tua luz !

Mas ah ! como em minha terra,
Que tantas glorias encerra,
Has de ostentar teu fulgor,
Si além dous anjos mimosos,
Que te reclamam saudosos,
Carecem do teu amor ?

Dous seraphins que o Eterno
Ao teu carinho materno,
Tão providente, deixou,

Como doce recompensa
Da dôr que soffreste, immensa,
Quando outros dous te levou.

Vai, archanjo de bondade,
A sua, a tua saudade,
Pressurosa mitigar!
Possam lagrimas d'ausencia
D'esses anjos d'innocencia
As caricias enxugar!



Possam elles, exercendo
As virtudes de seus pais,
Acalantar, caridosos,
Dos desgraçados os ais!

É assim que seus diademas
Um dia mais fulgirão,
Imitando a do Calvario
Sublime, santa missão.

Então teus vótos ardentes
Serão, THEREZA, cumpridos,
Vendo os dous anjos cobertos
Das benções dos desvalidos.

Eu, que só tenho no mundo
O amor grato e profundo,
Com que meu peito enriqueço,
A ti, que déste-me a vida,
'Numa esperança perdida,
Essc amor puro offereço.

Como a Santa milagrosa,
Que 'n esta vida penosa
Nos acccita a devoção,
Acolhe tu, adorada
IMPERATRIZ sublimada,
Meu hymno de gratidão !

14 de Novembro de 1859.

IMITAÇÃO DO SNR. ABOIM.

Si eu fôra da Thracia o Vate sublime,
A lyra afinára p'ra só te cantar;
Si eu fôra o pintor de Italia famoso,
Quizera o teu rosto p'ra mim copiar.

Si eu fôra a fontinha, que corre indolente,
E sobre conchinhas se vai espraiair,
Então me verias, correndo anhelante,
Teus pés delicados risonha beijar.

Si eu fôra um infante gentil, innocente,
Só tuas caricias quizera lograr;
Si somno tranquillo meus olhos cerrasse,
No teu brando seio quizera pousar.

Si eu fôra a violêta, que sob as folhinhas
Esconde os encantos que Deus lhe quiz dar,
A ti me mostrára, e sobre teus labios
Meus puros perfumes quizera entornar.

Mas eu não sou fonte, pintor, ou violêta,
Nem vate, que possa teu nome exaltar ;
Apenas sou triste mulher, que te adora
O mais que na terra se pôde adorar.

19 de Março de 1849.

A' LAMENTAVEL MORTE DE D. JULIA FETAL.

SONETO.

Estavas, bella Julia, descansada,
Na flôr da juventude e formosura,
Desfructando as caricias e ternura
Da mãe que por ti era idolatrada.

A dita de por todos ser amada
Gozavas, sem prever tu'alma pura,
Que, por mesquinho fado, á sepultura
Brevemente serias transportada!

Mas ah! de um insensato a dextra forte
Dispara sobre ti, Julia querida,
O fatal tiro, que te deu a morte! . . .

Dos olhos foi-te a luz amortecida,
E do rosto apagou-te iniqua sorte
A branca e viva côr co'a doce vida. ()*



(*) Verso de Camões.

MOTE

*Ou são quatro as bellas graças,
Ou Francina uma das trez.*

GLOSA (IMPROVISADA)

Tu, Francina, que ultrapassas
Qualquer mortal em beldade,
És de Cythéra a deidade,
Ou são quatro as bellas graças.
Com a tua alvura embaças
Do jasmim a candidez ;
Quem te contempla uma vez,
Diz, das Charites tão bellas,
Que ser quatro devem ellas,
Ou Francina uma das trez.



À ANGELENA.

Como tu és.

Angelina és tão formosa,
 Como a rosa
Em fresca aurora d'estio;
És pura como a corrente,
 Transparente,
Do mais crystallino rio.

És qual estrella brilhante,
 Rutilante,
No firmamento azulado ;
Faz da terra um paraíso
 Teu sorriso,
O teu sorriso engraçado.

Tua voz harmoniosa,
Maviosa,
Iguala á do rouxinol;
São teus olhos tão formosos,
Luminosos
Como dous raios do sol.

Tu és tão meiga e innocente,
Como o ente
Na madrugada da vida;
És tão grata e prazenteira,
Qual primeira
Prova de amor não-mentida.

És léda como a menina,
Pequenina,
Pelos jardins a folgar ;
És suave como a brisa,
Que amenisa
Linda noite de luar.

És casta como o materno
Beijo terno
Na face do filho amado ;

És divina como um canto,
Sacro-santo,
Por seraphins modulado.

És doce como a esperança,
Que descansa
N'alma do fiel christão;
Dos anjos a santidade,
A bondade,
Reside em teu coração.

10 de Julho de 1849.



A' NOITE.

Teu ar merencorio, ó noite querida,
Agrada infinito ao meu coração ;
Que as tristes ideias, que a mente me occupam,
Casar melhor vejo co'a tua soidão.

Apenas desdobras teu manto de anil,
Assim recamado de lindas estrellas,
Minh'alma, enlevada, bemdiz o Autor
De tantos prodigios, de noites tão bellas.

Eu gosto de ver-te, amiga deidade,
Porque só contigo é que ousou ser franca ;
De ti, só de ti confio os queixumes,
Que a sorte adversa do peito me arranca.

Tu és adorada d'aquelles que devem
Pungentes angustias no seio occultar ;
D'aquelles que contam somente por dita
Poderem bem livres á dor se entregar.

Á voz agoureira das aves nocturnas,
Aos sons doloridos do mar gemebundo,
Ai ! como respondem suspiros do afflicto,
Que sem esperanças reside no mundo !

Teu ar merencorio, ó noite querida,
Agrada infinito ao meu coração ;
Que as tristes ideias, que a mente me occupam,
Casar melhor vejo co'a tua soidão.

Emquanto os mais entes, felizes, desfructam
O brando repouso que dá-lhes Morpheu,
Eu vélo, e medito nas magoas acerbadas
De que a desventura meus dias encheu.

Só tu testemunhas o pranto de angustia,
Que extremo infortunio me faz derramar ;
Só tu me tens visto da morte invocando
O unico allivio, que posso alcançar.

D'est'alma, que pena, tu tens escutado
Os prantos que verte, as queixas que exhala ;
Mas inda não sabes quanto é cruciante
A dor insoffrivel, que 'n ella me cála.

Vem, noite, querida de quantos procuram
Pungentes angustias no seio occultar ;
De quantos, queixosos, aspiram somente
Poderem bem livres á dor se entregar.

No brando silencio tu sempre has de ver
O pranto brotar-me dos olhos cansados ;
O pranto que aos risos prefiro d'aquelles
Que, cégos, se julgam mimosos dos fados.

2 de Setembro de 1849.



À ANGELINA.

(NO SEU ALBUM)

Não foi, querida Angelina,
A formosura divina,
Tão mimosa e peregrina,
Que em tua face se ostenta,
Que fez nascer no meu peito
O sentimento perfeito,
Pelo Senhor tão aceito,
Que cadavez mais se aumenta.

Não é por seres donosa,
Qual purpurea e linda rosa,
Que abre fragrante e viçosa
D'aurora ao desabrochar,

Que meu coração te jura
Perenne, intensa ternura,
Tão meiga sempre e tão pura
Como o teu languido olhar.

Foi, sim, tu'alma sublime,
Que abomina o feio crime,
Que a miseria não opprime
Com desdenhoso rigor ;
Foi ella, morada pia,
Onde a virtude irradia,
Que, com tanta idolatria,
Grangeou meu terno amor.

Mas, meu anjo idolatrado,
'N este amor tão elevado,
Talvez me tenha enganado ,
Por não conhecer de feito,
Si amavel e primorosa
És por seres virtuosa,
Ou si a virtude é formosa
Por existir no teu peito.

2 de Outubro de 1849.



À SOPHIA.

DO QUE GOSTO.

Eu gósto de ver o mar azulado
Douradas areias sereno banhar ;
Eu gósto de vel-o bramir iracundo
E sobre rochedos a furia quebrar.

Eu gósto de ver um céu de saphiras,
Um céu de Janeiro com almo luar ;
Eu gósto de vel-o bem negro e medonho
Terrível mostrando querer desabar,

Eu gósto de ver o sol radiante
No róxo horisonte formoso assomando ;
Eu gósto de vel-o, da tarde no termo,
A fronte abrasada no mar mergulhando.

Eu gósto de ver a triste rolinha
Carpir do consorte saudades na ausencia ;
Eu gósto de vel-a amante, extremosa,
Manter dos filhinhos a tenue existencia.

Eu gósto de ver a rosa entre-aberta,
E mais—rociada das gótas do orvalho;
Eu gósto de vel-a, nos dias d'inverno,
Em triste desmaio pendente do galho.

Eu gósto de ver o niveo cordeiro
Na relva viçosa mansinho dormindo ;
Eu gósto de ver o tigre indomavel
No centro das matas sanhudo rugindo.

Eu gósto de ver um campo esmaltado
De bellas florinhas, que espalhem odor ;
Eu gósto de vel-o bem árido, inculto,
Sem flor, sem perfumes, que inspirem amor.

E mais que do sol, do céu, do cordeiro,
Do campo, da rosa, da rôla e do mar,
Eu gôsto de ver da linda Sophia
Um riso nos labios, divino, pousar.

3 de Novembro de 1849.



Á VIOLÊTA.

Gentil florinha mimosa,
Que desabrochas viçosa,
Ês oriunda do céu?
Quem te deu esse perfume,
Que ao jasmin causa ciúme?
Quem tal feitiço te deu?

Foi de Deus a dextra santa,
Que deu-te meiguice tanta,
Que te deu tão linda côr?
Foi o seu saber profundo,
Que te fez descer ao mundo
Como um symbolo de amor?

Si o Eterno, n'um sorriso,
Te colheu no paraíso,
Onde vivias tão pura ;
Si, no seu sôpro celeste
À terra um dia vieste
Adoçar nossa amargura ;

Porque, modesta florinha,
Occultas recatadinha
A tua divina essencia?
O teu segredo é trahido ;
Esse aroma tão subido
Te denuncia a existencia.

Quando ao universo baixaste,
Porque esse nome mudaste,
Que te cabe de direito?
Tu, que até foges ás brisas,
Melhor que outra symbolisas
O sublime—*amor perfeito*.—

Oh! não deixes que outra flor
Use o nome encantador
Que possuias no céu ;

A presumida bem sabe
Que esse nome a ti só cabe,
Que esse nome é todo teu.

Tem ella maior frescura,
Mais tocante formosura,
Tem o teu celeste odor?
Vive acaso, flor querida,
Como tu, casta, escondida,
Retratando o puro amor?

Captiva a sua lindeza
Mais que a tua singeleza,
Encanto de quem te vê?
Tem, aos olhos da poesia,
Para attrahir, a magia
Do teu raro não-sei-quê?

Porque, modesta florinha,
Occultas, recatadinha,
A tua divina essencia?
O teu segredo é trahido;
Esse aroma tão subido
Te denuncia a existencia.

Retoma, pois, flor celeste,
Esse nome que tiveste,
Que te cabe de direito ;
Tu, que até foges ás brisas,
Melhor que outra symbolisas
O sublime—*amor perfeito*.—

À ANGELINA.

MEUS DESEJOS.

Eu quizera dizer-te, meu anjo,
Quanto és por minh'alma adorada ;
Eu quizera mostrar-te que trago
Tua imagem no peito gravada.

Eu quizera, que a sabia natura
Seus primores p'ra ti reservasse ;
Eu quizera, que o Deus de bondade
De mil ditas teus dias c'roasse.

Eu quizera, de todo o universo
Sobre o throno melhor te assentar;
Eu, enfim, desejára ser homem
E poético amor te offertar.

Só em ti, enlevado, veria
O meu voto mais cáro cumprido;
Quando um'alma, que a minha entendesse,
Ao Eterno eu houvesse pedido.

Tu então realisáras, meu anjo,
Meu querido ideal amoroso;
Tu me déras do céu as delicias;
Eu seria o mortal mais ditoso.

31 de Dezembro de 1849.



A SAUDADE.

Saudade! gosto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que m'estás repassando o intimo peito
Com dôr, que os seios d'alma dilaceta,
— Mas dôr que tem prazeres.

Garret. Poem. Camões.

No meu seio uma flor d'esperança
Cultivei com desvelo perfeito;
Mas o rijo tufão da desgraça
Arrancou-me a florinha do peito.

Ella foi 'n um abysmo funesto
De cruel desengano cahir,
E após veio a mais negra saudade
Com espinhos minh'alma pungir.

Tu ao menos, ó flor de infelizes,
Tu ao menos não me has de deixar ;
Si a desgraça plantou-te em meu peito,
D'elle mais te não pôde arrancar.

Essas vãs alegrias do mundo,
Esses gozos que o mundo aprecia,
Eu os tróco, saudade adorada,
Pela tua fiel companhia.

Emquanto eu existir, do martyrio,
Vivirás, p'ra me dares a palma ;
Si a ventura tentasse levar-te,
Levaria contigo minh'alma.

Tu ao menos, ó flor de infelizes,
Tu ao menos não me has de deixar ;
Si a desgraça plantou-te em meu peito,
D'elle mais te não pôde arrancar.

Nem espero que mude meu fado ;
E si attento em meu triste futuro,
Nelle vejo—indiziveis angustias
Um sepulchro cavando-me escuro !

Praza a Deus, que com tantos desgostos,
Minha pobre razão não feueça ;
Que a saudade me não desampare,
Nem seu dôce motivo eu esqueça.

Sim, permite, Senhor, que em minh'alma
Ache sempre uma imagem querida,
Que, a despeito da sorte mesquinha,
Me atormente, encantando-me a vida.

Que essas vãs alegrias do mundo,
Esses gozos que o mundo aprecia,
Da saudade adorada eu os tróco
Pela dôce e fiel companhia.

21 de Abril de 1850.

**Em resposta á poesia a—Madrugada—
do Sr. João de Lemos.**

A AURORA BRASILEIRA.

Quando tu, luso cantor,
Na tua lyra dourada
Modulaste com primor
Uma linda—*madrugada*,
Porque dizer não quizeste,
Que a aurora que descreveste
No teu hymno tão gentil,
E esse mar de lisa prata,
Que os arvoredos retrata,
Fram só do meu Brasil?

Porque dizer não havias,
Que esse nascer prazenteiro
De puros, formosos dias,
Era do céu brasileiro?
D'este céu abençoado,
De bello añil esmaltado
Pela mão do Creador;
Que ledo nos apresenta
Na formosura que ostenta,
Um milagre do Senhor?!

Que tem noites tão formosas
De prateado luar?!
Que pessue manhãs de rosas,
E tardes . . . de arrebatr?!
Tu, por acaso, ignoravas
Que a madrugada pintavas
Da minba terra natal?
Ou,—cégo do patrio amor,—
Julgaste que esse primor
Era do teu Portugal?

Vem, no céu do meu paiz,
Ver bella aurora de estio
Como se mostra feliz,

Como se mira no rio !
Vem vê-la, mimosa abrindo
O transparente véu lindo,
Viçosas flôres soltar,
E dos olhos lacrimantes
Mil per'las, mil diamantes
Sobre todas derramar !

Vem ver das tranças formosas,
Por leve brisa onduladas,
Descerem candidas rosas,
Violêtas delicadas !
Jamais 'n esse Portugal
O teu sonho divinal
Realizado gozaste . . .
Vem ; porque só minha terra
As maravilhas encerra
Do quadro, que debuxaste.

Vem ouvir o harmonioso,
O doce canto aflautado
Do sabiá mavioso,
Sobre o raminho pousado.
Vem ver os volateis todos

Festejarem de mil modos,
Com folguêdos e cantares,
A fagueira madrugada,
Que, de flôres adornada,
Perfuma os limpidos ares.

Vem contemplar a lindeza
D'este Brasil tão jucundo;
Vem ver sua natureza,
Que é a mais bella do mundo;
Vem ver seu sol descoberto,
'N um céu de nuvens deserto,
Deslumbrante de fulgores;
Vem aqui ver como o Eterno,
Até nos dias de inverno,
Veste o campo de verdores!

Diz-me, vate lusitano,
O céu do Portugal teu
É como o americano
Anilado, puro céu?
Diz-me, si na plaga tua
É tão diáphana a lua,
Si é tão meiga, tão gentil?

Si brilha em noites tão bellas,
Tão opulentas de estrellas,
Como as do rico Brasil?

Si o seu raio illuminado,
Por sobre um mar transparente,
Pelas aguas embalado
Se estende tão docemente?
Si doura o cume dos montes;
Si beija o crystal das fontes
Com tauto enlevo e doçura;
Si do templo na vidraça
Reflecte com tanta graça
A face de luz tão pura?

Tens nos prados tanto viço?
Nos fructos tanto sabor?
Na vida tanto feitiço? . . .
No coração tanto amor? . . .
Vem, ó Bardo, vem asinha
Na mimosa patria minha
A tu'alma extasiar;
'N este clima brasileiro,
Vem sob um céu prazenteiro
Nova existencia gozar.

Ohi ! vem, sublime Poeta,
Ver o meu solo natal;
Que de Deus a mais dilecta
É a terra de Cabral !
Vem da minha terra amada
Ver a linda madrugada,
Ver do céu a perfeição !
Vem contemplar uma lua,
Que sabe, mais do que a tua,
Responder ao coração !



À ELISA.

A DESPEDIDA.

Tu, Elisa, te vais e me deixas,
E me deixas profunda saudade ;
Sem querer, despedaças o peito,
Que te vóta a mais santa amisade.

Quando penso que vais, minha Elisa,
Habitar tão distante de mim,
Eu pergunto ao meu Deos: « Que te hei feito
« Para iroso punires-me assim?

« Tu, Senhor, qu'és tão bom, porque roubas
« O consólo de minha existencia ?
« Porque fazes que misera eu soffra
« O terrivel martyrio da ausencia ?

« Não me leves a amiga sincera,
« Que me tem extremosa affeição ;
« Esta amiga, que irmã considero,
« Bem querída, do meu coração.

« Ah ! consente, Senhor, que ella fique,
« E que viva p'ra sempre a meu lado ;
« Que de perto eu adore as virtudes
« De que tens a su'alma adornado. »

Eis, Elisa adorada, as palavras,
Que dirijo incessante ao Senhor,
Tendo o rôsto de pranto inundado,
Tendo o peito partido de dor.

Mas ainda me anima a esperanza
De que Deus minha prece ouvirá,
E das lagrimas tristes que verte
Meu amor, piedade terá.

E si a minha oração fervorosa
Pelo Eterno não fôr attendida ;
Si, apezar d'imploral-o, chorando,
Ordenar tua dura partida ;

Eu te juro que sempre hei de amar-te
Co'a mais terna e profunda affeição ;
Eu te juro, fiel, tua imagem
Guardar sempre no meu coração.

12 de Novembro de 1850.



À ANGELINA.

MINHA LYRA.

Fui, Angelina querida,
D'amisade estremecida
Na bella corda tocar ;
Màs, por mais que desejasse,
Nunca um som, que me agradasse,
Pude da lyra tirar !

Angelina, a minha lyra,
Triste, mui triste suspira,
Suspira com afflicção ;

A pobresinha,—coitada!—
Não sabe repetir nada
Do que diz meu coração.

Não sabe 'n um canto lindo,
—O meu coração ouvindo,—
Dizer seu sentir profundo;
Dizer que muito te quero,
Qu'em adorar-te me esmero,
Que és meu consôlo no mundo;

Que a par de tí sou contente,
E esqueço uma dor pungente—
Ella não sabe dizer;
Que dissipas o desgosto,
Que ás vezes me alaga o rosto,
Que ás vezes me faz gemer;

Que olvido amarga saudade
Nos transportes de amisade
Que tu me dás a fruir;
Saudade, que, não te vendo,
Me entréga a martyrio horrendo
Na dôr que me faz curtir.

Não diz que, só a teu lado,
Doce prazer, não gozado,
Minh'alma gozar alcança ;
Não conta que te dedico
Um peito de affectos rico,
Rico de tua lembrança.

Para que me serve a mim,
Esta lyra de marfim
Córdas de ouro possuir,
Si este sentir de meu peito
Ella não sabe com geito,
Com perfeição exprimir ?

Porque a pobre lyra minha
Ha de ser assim mesquinha,
Ha de ter tanta rudeza ?
Porque, na dourada córda,
Com doçura não transborda
Do meu affecto a grandeza ?

Quanto não é dura a sorte,
Que uma amizade tão forte
Me não consente expressar !

Que lyra me dá tão bella,
Depois de arrancar-me d'ella
O mago dom de encantar!

Para que me serve a mim,
Esta lyra de marfim
Córdas de ouro possuir,
Si este sentir de meu peito,
Ella não sabe com geito,
Com perfeição exprimir?

Ah! si a ella a sorte avára
Dér um dia uma voz clara,
Uma voz toda divina,
Então, com terna doçura,
Dirá a doce ternura
Com que te adoro, Angelina.

27 de Dezembro de 1850.



SONETO (imitação).

Si é triste, no inverno humido e frio,
Ver a aurora gentil, crepes vestindo,
Occulto em véo nublado o rosto lindo,
Carpir saudades do formoso estio ;

Si é triste ver a fonte, ver o rio
Essa dôr, esse lucto reflectindo ;
Ver o pobre botão da rosa abrindo
Sem cheiro, e tincto de pallôr sombrio ;

Si é triste a rôla ver, que, consumida,
Do consorte infiel chóra a mudança,
Na roupagem das matas escondida ;

Mais triste é trazer sempre na lembrança,
Viva, a imagem da dita appetecida,
E ter no coração morta a esperança.



AO SR. DR ANTONIO GONÇALVES DIAS.

Lendo teus versos mimosos,
Primos cantos maviosos,
Ao Senhor graças rendi ;
Sim, fiquei-lhe agradecida
Por dar-te o berço da vida
No paiz onde eu nasci.

No teu canto ha tal brandura,
Ha tão meliflua doçura,
Que do céu vindo parece ;
Parece d'elle emanado
Esse genio sublimado,
Que á tua mente esclarece.

Eu, Poéta, te bemdigo
Por seres fiel amigo
Da terra do meu amor;
Por louvares as palmeiras
E as aves brasileiras,
Eu te bemdigo, Cantor.

Bemdigo a vóz soberana
D'essa lyra americana,
Que o prazer me infiltra n'alma,
Quando diz que, na lindeza,
Essa terra portugueza
Á de Cabral cede a palma.

Da nossa patria querida,
Pintas nos bosques mais vida,
Nas varzeas pintas mais flores;
Pintas no céu mais estrellas,
E nossas vidas mais bellas,
Mais abundantes de amores.

No teu canto ha tal brandura,
Ha tão meliflua doçura,
Que do céu vindo parece;

Parece d'elle emanado,
Esse genio sublimado,
Que á tua mente esclárece.

Esse auctor da—*Harpa do Crente*,
Que nos diz tão docemente
Do desterrado as tristezas;
Esse Poéta estrangeiro,
Louvor teceu verdadeiro
De tua musa ás lindezas.

Elle, ó Vate, conheceu
Que tinhas no livro teu
Toda a tu' alma entornado;
Ora ardente, impetuosa,
Ora sentida e queixosa,
Carpindo azares do fado.

Eu creio que Deus te ensina
Essa linguagem divina,
Em que aos anjos sóe fallar;
Só Elle o gosto te inspira,
Com que vibras essa lyra,
Que tanto sabe encantar.

Torrentes de poesia,
De suave melodia,
Das cordas d'ella derramas,
Descrevendo os attractivos
De olhos negros, expressivos,
D'esses olhos que tu amas ;

D'esses olhos, que de amores
Dizem tão lindos primores,
Fallam com tanta paixão ;
Às vezes quèdos brilhando ;
Outras vezes abrasando,
Qual incendiado vulcão !

Esse teu canto gentil
Tenho lido vezes mil,
Vezes mil tem-me encantado ;
E bem feliz me sentira,
Si, como tu, possuira
Ingenho tão elevado.

Si ouvisse Deus minha préce,
Si conceder-me quizesse
Um ingenho igual ao teu,

Voz como a tua tão pura,
Que deixa ouvir na doçura
As harmonias do céu;

Quando o teu genio, Poéta,
Visse, veloz como a sêta,
Do céu as portas transpor ;
Quando unisses lá teus hymnos
A esses cantos divinos,
Que se entôam ao Senhor ;

Teria, como desejo,
Seguido o rapido adejo
De teu estro na amplidão ;
Transbordando de alegria,
Com elle penetraria
De Deus na sacra mansão !

Lá co'os anjos entoára,
Em voz, como a d'elles, clara,
Mil louvores ao Senhor ;
Depois, ao teu genio unida,
Cantára a patria querida,
A terra do meu amor.

8 de Janeiro de 1851.



AO SNR. AUGUSTO FREDERICO COLIN.

O tósco producto de mente acanhada
Quizeste 'n um canto sublime exaltar ;
Ao som desacorde de lyra tão rude
Harmonico accentto quizeste chamar.

Teu genio inspirado, que ao céu se remonta,
Que, estrella formosa, no espaço já brilha,
Benevolo honrando das musas a filha
Lhe anima o talento, que apenas desponta.

Um hymno lhe dêste de tanta poesia,
Que o Vate d'Ignez, si ao mundo tornasse,
Ouvindo-te as notas tão meigas, tão dôces,
Talvez qu'esse hymno mimoso invejasse.



Teus louvores agradeço ;
Mas conheço
Que os não posso merecer ;
Minha musa tão mesquinha,
—Coitadinha !—
Apenas sabe gemer.

Mas inda que gema afflicta,
Não imita
Da rôla o terno queixume,
Quando lhe roubam do ninho
O filhinho,
Que 'n elle abrigava inplume.

Não tem do cysne a voz pura,
Na tristura
Do derradeiro cantar ;

Modulando, ao som das aguas,
Suas maguas,
Antes d'a vida findar.

A voz da misera louca
É tão rouca,
Que agradar não póde a alguem ;
Só tu d'ella dó tiveste,
E lhe déste
Canto que afinal-a vem.

Minha pobre, inculta musa,
De confusa,
Nem te sabe responder ;
Teus louvores agradece ;
Mas conhece
Que os não póde merecer.

Si eu tivera um ingenho inspirado,
Um ingenho que ao teu igualasse ;
Si uma lyra eu tivera divina,
Que tão bem, como tu, dedilhasse ;

Oh! da patria o amor, que admiras,
Qual o sinto no meu coração,
'Nessa lyra cantar altaneira
Fôra o meu mais honroso brazão.

Sim; que a terra, que adôro extremosa,
A nenhuma minh'alma compara;
E a ventura de amal-a, de vel-a,
Pelo throno melhor não trocára.

De—*su'alma no livro*—o poeta, (*)
Retratando da patria a lindeza,
Diz—ciumes soffrer, si imagina
Outra terra, que a vença em belleza.

Eu, porém, que na minha contemplo
Primavera perenne a sorrir,
Não concebo que possa no mundo
Um paiz tão formoso existir.

Quando vejo esta terra, que eu amo,
Por estranha nação ultrajada;

(*) O Sr. João de Aboim.

Quando, ingratos, alguns de seus filhos
Não se importam de vel-a abysmada ;

De profunda tristeza opprimida,
Chóro o mal do meu bello paiz,
E só vivo ditosa e me alegre,
Quando altivo ergue a fronte feliz.

Patria! Patria gentil, feiticeira!
Terra santa, d'est'alma querida!
Quanto não estimára ser homem
Para inteira te dar minha vida !

Linda terra do meu berço,
Quanto me viras folgar,
Si a trôco de minha vida
Te fizesse prosperar !

Embora invejoso estranho
Te attribua imperfeições ;
Amára, quando os tivesses,
Esses teus mesmos senões ;

Mas não os tens, patria amada ;
És formosa sem senão ;
Tu, das nações do Universo,
És a mais bella nação.

Bem como a lua ás estrellas
Em fulgores ultrapassa,
Assim tu, paiz querido,
Aos outros vences na graça !

Linda terra do meu berço,
Quanto me viras folgar,
Si a trôco de minha vida
Te fizesse prosperar !

Mas não posso defender-te
Contra bellicos furores ;
Só tenho, p'ra dar-te, um peito,
Que por ti morre de amores ;

Um peito, que ardente e louco,
Sabe por ti palpitar ;
Que exulta com teus triumphos,
Que chóra com teu penar.

Tu és a copia formosa
Do paraizo de Adão ;
Tu, das nações do Universo,
És a mais bella nação.

A ti, Vate, que prézas meus versos,
Eu na lyra tentára cantar,
Si essa lyra divina tivera,
Que tu sabes tão bem dedilhar.

Mas, qu'importa que louve teu genio
'N estes cantos tão rusticos meus,
Si os humildes insectos da terra
Tambem erguem louvores a Deus?

Eu, Poéta, aprecio, e admiro
De teu genio o súperno condão ;
Pasma, ao ver amplo vôo eleva-lo
À ethérea, immortal região !

Tua lyra, por Deus afinada,
Como harpa de Archanjos resôa,

Si amarguras entôa da vida,
Si de amor as delicias entôa.

Um caminho juncado de rosas,
O Senhor ordenou-te seguir ;
Para ti, com justiça, prepara
Escolhido, brilhante porvir .

Oh! prosegue na senda de gloria
Que te abrio o Supremo Juiz!
Não recues, si houver nella espinhos;
Os espinhos serão teu matiz!

4 de Maio de 1851.



À ANGELINA.

FALLA-TE?

O que te diz, dôce amiga,
O que te diz essa estrella,
Que em tuas longas vigílias
Sempre te ri, meiga e bella?

Essa estrella que, mimosa,
No firmamento fulgura ;
Em que fitas meigos olhos,
Repassados de ternura?

Que através de claro vidro
Nas insomnias te aparece,
Qual companheira extremosa,
Que de ti jamais se esquece ?

Vem as lembranças queridas
Do passado te avivar ?
Ou as venturas, que sonhas,
Te promette realisar ?

Si assim é, porque tão triste
A contemplos, suspirando,
E de Ophir liquidas per'las
'Stão teus olhos distillando ?

Acaso não acreditas
No qu'essa estrella te diz ?!
Tão bella, tão virtuosa,
Receias ser infeliz ?

Ah! receias que te engane
A companheira mimosa,
Que em tuas longas vigílias
Sempre te ri carinhosa ?!

Que, com dolosos protestos
Ella te queira illudir?
Que, fraudulenta, procure
De chimeras te nutrir?!

Desterra esses vãos temores;
Vê como te olha enlevada;
Confia na mensageira
A ti por Deus enviada.

E porque has de em tu'alma
Aninhar cruel suspeita?
Reflectida 'n essa estrella
Não sabes quanto és perfeita?

Havia o Senhor crear-te,
Adrede, gentil e pura,
Para que fosse a desgraça
Partilha da formosura?

Não o creias, não o temas;
Deus, que te fez tão formosa,
Quer, Angelina, que sejas
Quanto bella, venturosa.

Deixa chorar seu destino,
Quem não tem, como tu tens,
Uma estrella, que, luzindo,
Lhe vaticine mil bens ;

Quem o seu astro querido
No céu não pôde avistar,
Senão coberto de nuvens,
Que o privam de fulgurar ;

Quem do passado só guarda
Recordação, que o lacera ;
Quem aborrece o presente ;
Quem do porvir nada espera.

Tu, porem, anjo, acredita
No qu'essa estrella te diz ;
Tão bella, tão virtuosa,
Não temas ser infeliz.

5 de Junho de 1851.



À PEDIDO.

(PARA UM ALBUM.)

Eu ingenho não tenho sublime,
Que te possa o que sinto, expressar ;
Minha lyra não tem a doçura,
Com que deve teus dotes cantar.

P'ra dizer-te somente, que és bella,
Não se hão de meus labios abrir ;
Que a lindeza, que tens no semblante,
Esta phrase não póde exprimir.

O teu rosto, que as graças enfeitam,
Chamar bello—é mui fraca expressão,
Elle aos olhos o typo apresenta
De sublime, ideal perfeição.

Eu não sei 'n esta folha querida
Dedicar-te um louvor que me agrade;
'N ella apenas escrevo um protesto
D'extremosa, sincera amizade.

3 de Agosto de 1851.

O BELIRIO.

Já o sol esconde a fronte
Por detraz de altivo monte,
Deixando lá no horizonte
Vestigios do seu fulgor ;
Já 'n essas nuvens douradas,
'N essas fitas abrasadas,
Deixa as ardentes pegádas
Do seu ardente esplendor.

A noite já se avizinha,
E vem achar-me sosinha
Entregue á saudade minha,
Que me fadou sorte ingrata !

Saudade que, mais se augmenta
Logo que o dia se ausenta,
E mais profunda e violenta
Me desespera, me mata!

Porque dizes, Luso Vate, (*)
Que da tarde no remate,
O nosso coração bate
Com dôce melancolia?
Porque ousaste afirmar,
Qu'era bello então scismar
Essa ventura sem par,
Cheia de terna poesia?!

Tu não disseste a verdade;
Não luz a felicidade
A quem profunda saudade
Negreja no coração!
Não! não desfructa tal dita,
Quem da ventura é proscripta;
Quem soffre a dôr infinita
De desgraçada paixão!

(*) O Snr. João de Lemos.

Feliz no termo do dia,
É quem um'alma tem morna ;
Onde essa melancolia
Dôce, o crepusculo entorna ;
Mas quem no peito vehemente
Palpitar continuo sente
Abrasado o coração,
Quem tóca, amando, á loucura,
No que tu achas ventura,
Não pôde achar-te razão !!

Quando o sol no firmamento
Mais brilhante resplandece,
Diminuir o tormento
Em nosso peito, parece ;
Esse tumulto do dia,
Tão despido de poesia,
Como qu'impede o pensar ;
Do negro fel da desgraça
Não esgotamos a taça,
Que o seu calor faz secar .

Como, pois, grande Poéta,
Pôde fruir dôce calma,
Quem, co'a noite ervada séta

Penetrar sente em sua alma?
Sim, como scismar venturas
Póde, quem mais amarguras
Sorve no calix de amor,
'N essas horas de anciedade,
Em que mais punge a saudade,
Em que mais recresce a dôr?!

Não creias, Vate, comtudo
Que me apraz a luz do dia
Porque serve-me d'escudo
Aos assaltos da agonia;
Não! eu só desejo e adôro
Estas horas em que chóro
Com tão intenso penar;
Porque amo com delirio
O incessante martyrio
D'esta loucura de amar!!

26 de Junho de 1851.

AO AMOR.

Amor! teu nome querido
Quanto é dôce proferir!
Mas quanto não é mais dôce
No coração te sentir!

Nume, que as almas abrasas
Co'a chamma dos fogos teus;
Immensa como o oceano,
Infinita como Deus!

Não seres illimitado,
Fôra loucura pensar ;
Ao teu despotico imperio
Quem pôde um termo assignar ?

Nos corações onde reinas,
Tens poder mysterioso ;
Ao bom, as vezes, máu tornas ;
Tornas ao máu, virtuoso !

Ou feliz, ou desgraçado
Possuir-te é bem superno,
Quer ao céo nos arrebrates,
Quer nos despenhes no inferno !!

Inferno ?! . . . ao seio onde existas
Póde tal nome caber ?
Póde soffrer d'elle as penas
Quem n'alma altares te erguer ?!

De tuas magas virtudes
A mais celeste, a mais pura,
É permittires que achemos
No soffrimento a doçura !

É fazeres que teus golpes
Queiramos antes soffrer,
Que sentir no peito um vácuo
Que mais nada póde encher !

Do mundo as realidades,
Que mais cobiçadas são,
Amor ! amor ! eu não tróco
Por uma tua illusão !

Amor ! qual eu te imagino
Nos dourados sonhos meus,
És um resumo das glorias,
Das harmonias de Deus !

4 de Agosto de 1851 .



À ANGELINA

PORQUE TE AMO.

Eu te amo, porqu'és bella,
E singela
Como a estrella
Do matinal, primo albor,
Quando, a aurora apparecendo,
Vai perdendo,
Vai perdendo o seu fulgor.

Porqu'és como a fonte pura,
Que murmura
Com doçura

Por seixinhos discorrendo ;
Como entre-aberto jasmim
 'N um jardim
Grato aroma rescendendo.

Porque tens nos olhos divos,
 Expressivos,
 Atractivos,
Attrativos de matar,
Quando estão meio-cerrados,
 Enlevados . . .
Enlevados a scismar ! . . .

Porque teu nevado scio,
 Terno aneio,
 Com receio,
Com receio faz mover ;
Porqu'escondes um segredo . . .
 Que tens medo,
Que tens medo de dizer.

Eu te amo porqu'entendes
 E compr hendes

Do Bardo o dôce cantar ;
Porque fôlgas de escutal-o ;
Porque góstas de imital-o,
E sabes aprecial-o
Em seu poético amar .

És dos Poétas o sonho,
 Que, risonho,
Mais lhes enche os corações.
Enlevado no teu riso,
O Trovador, d'improviso,
Um anjo do paraíso
Descreve em suas canções.

15 de Agosto de 1851.



A meu irmão J. B. de Castro Rebello.

O CÉU DE AGOSTO.

De teu bello natal prazenteiro
Vi o dia feliz despontar;
Vi a aurora no vasto horizonte,
Mais formosa que nunca, assomar.

Era linda, qual rósea capella
Sobre a fronte de virgem louçã;
Era tão perfumada, e tão leda,
Como festa d'igreja christã.

Ella estava co'a dôce alegria
Debuxada na face gentil;
Alegria, qu'ê só das auroras,
Como esta, do nosso Brasil.

Eu, então, venturosa julguei-me,
Vendo-a assim pelo céu passeiar;
Mas, após, de tristeza uma nuvem
Veio minha ventura toldar.

E sabes qual o motivo
De tão subita tristeza,
Quando toda a natureza
De galas se revestiu?
Sabes porque pezarosa
Via,—quasi lacrimosa,—
Essa aurora tão formosa,
Que lá do céu me sorriu?

Era um pincel encantado,
Que minh'alma cubiçava
Para o céu, que assim primava
Em lindezas,—copiar.

Era o pincel milagroso
De Raphael portentoso,
Que o seu nome glorioso
Té aos astros fez chegar.

Ah ! si de Italia o Apelles,
'N aquelles arroubos santos,
Porventura um céu de encantos
Alguma vez desenhou,
—Por certo me não engano—
D'esse genio italiano,
O talento soberano
Com o céu do Brasil sonhou.

Sim, co'o céu americano,
Que tão puro resplandece,
Que 'n elle habitar parece
O Senhor co'os anjos seus.
Ah! que si o céu contemplára
Da nossa terra tão cára,
O athêu não mais negára
A existencia de Deus.

Não, si o manto de saphiras,
Que envolve o céu prazenteiro

D'este Agosto brasileiro,
Elle podesse avistar ;
Si visse da lua cheia,
Quando a noite é quasi meia,
Com que doçura passeia
O raio argenteo no mar ;

Essa existencia divina
Revelada lhe seria ;
Su'alma despertaria
Da crença eterna ao clarão.
Então, á fé convertido,
Encantado, arrependido,
Exclamára embevecido :
—Creio em ti, meu Deus! perdão!

21 de Agosto de 1851.

À FONTINHA.

Porque estás assim queixosa,
Qual triste lamentação,
Que sobre a campa do morto
Solta afflicto coração?
Porque suspiras, fontinha,
Porque gemes, pobresinha?

Temes que d'esta montanha,
Em cuja base murmuras,
Algum pedaço, rolando,
Turve-te as aguas tão puras?
Reccias, que um sol ardente
Te esgote a clara nascente?

Não; choras o *amor-perfeito*,
Que junto a ti floresceu,
E balouçando se via
No argenteo espelho teu;
Estás saudosa carpindo
Esse *amor*, qu'era tão lindo!...

Em vão sua imagem buscas
No teu liquido crystal;
O furacão, que arrancou-te
O mimoso original,
Nem uma folha te deixa,
Que minore a tua queixa.

É por isso que, saudosa,
Qual triste lamentação,
Que sobre a campa do morto
Sólta afflicto coração,
Assim tu gemes, fontinha,
E suspiras, pobresinha.

Acaso possues um'alma,
Que lhe conheça o valor,
Tu que choras tão sentida

Pela perda d'essa flôr?
Si a possues, debes queixar-te ;
Não pretendo consolar te.

Eu quero só minhas lagrimas
Com teus prantos confundir ;
Quero meus tristes queixumes
A teus queixumes unir ;
Quero contigo viver,
Porque te vejo soffrer.

Quero sentir no meu peito
Os echos de tua dôr ;
Quero suspirar contigo ;
Partilhar teu dissabor,
De tua melancolia,
Quero beber a poesia.

Com a dôr eu sympathiso,
Porque a dôr tambem conheço ;
Eu sei o que são angustias,
E de ti me compadeço ;
Tambem saudades eu tenho,
Que alliar ás tuas venho.

Minha saudade é tão negra,
Qual noite tempestuosa ;
É negra a tua saudade
Como véste luctuosa ;
Ambas teem a côr da sina
Que nos coube, tão mofina ! . . .

Eu quero, pois, minhas lagrimas
Com teus prantos confundir ;
Quero meus tristes queixumes
A teus queixumes unir ;
Quero contigo viver,
Porque te vejo soffrer.

O formoso *amor-perfeito*,
Que a teu lado floresceu,
Que, tão lindo, reflectia
O argenteo espelho teu,
Vazio um lugar deixou,
Onde a saudade brotou.

Mas não temas que te deixe
Esta florinha querida ;
O proprio tempo que passa,

De tudo extinguindo a vida,
Por ella debalde corre;
Porque a saudade não morre !

E a saudade que é minha,
Como os ais—do soffrimento, —
Como o riso é—da ventura,—
E—da desgraça—o lamento,

Quando a lousa do sepulchro
Meu corpo exangue esconder,
Ha de, fiel, a meu lado,
Qual na vida florescer.

20 de Setembro de 1851.

UMA QUEIXA.

E' um dos milagres de amor o fazer que achemos prazer no soffrimento, e olharmos como a maior desgraça, um estado de indiferença e de esquecimento, que nos tirasse todo o sentimento de nossas penas.

J. J. ROSSEAU.

Meu Deus ! porque derramaste
Dôr tamanha em minha vida ?
Porque afagar me deixaste
Uma esperança querida,
Que havia ser-me arrancada,
Que tinha de ver perdida ?

O porvir, que, lisongeira,
Me promettia risonho,
Porque tu me não consentes
Gozar ao menos 'n um sonho ?
Porque o envolves em trévas,
Porque o fazes tão medonho ?!

Ah ! Senhor ! dá-me de novo
Esses annos tão gentis,
Esses dias tão viçosos
De meus brincos infantis,
Em que eu tinha uma esperança,
Que me tornava feliz ;

Que, de flôres esmaltado,
Um caminho me apontava,
O qual percorrer commigo
Fagueira me assegurava,
E conduzir-me á ventura,
Que d'elle no fim raiava !

Então eu suppunha lenta
Do tempo a fugaz carreira,
Que eu bem quizera tão rápida

Qual fantasia ligeira,
Màs que tanto me afastava
D'essa ventura fagueira.

Como anhelante aguardava
O termo d'essa tardança,
Animada de continuo
Por enganosa esperança,
Em que minh'alma depunha,
Céga, inteira confiança!

É que, então, mal suspeitava
Que saudades sentiria
D'esse tempo de folguêdos,
Que tão lento parecia;
Tempo que a meiga innocencia
De prazeres me tecia.

Hoje recordo saudosa
Esses annos tão gentis,
Esses dias tão viçosos
De meus brincos infantis,
Em qu'eu tinha uma esperança,
Que me tornava feliz.

Ai! da ventura o caminho,
Que me sorria tão perto,
Vi sem flôres, sem aromas,
E só d'espinhos coberto! . .
Abandonou-me a esperança,
Que p'ra mim o tinha aberto!

Esta ideia do passado
A dôr me torna mais forte;
Angustiada prantêo
Os tractos da dura sorte;
Mas, para findar meus males,
Ao Senhor não peço a morte.

Não peço; que não n-a quero;
A morte é—tudo olvidar;—
Gêlo, que o peito entorpece,
Que o priva de palpitar;
É—termo de soffrimentos;—
Mas tambem é—não amar.—

Não, não peço; que prefiro
Tudo no mundo soffrer—
À origem de meus males

No peito apagada ter;
Quero, embora me atormente,
Este penado viver.

Sorte ! sorte ! si desejas
Ferir-me com mais rigor,
Contra mim teus golpes vibra,
Multiplica a minha dôr ;
Priva-me embora de tudo,
Deixa-me só meu amor !

15 de Outubro de 1854.



AO SNR. A. F. COLIN.

TUA LYRA.

Deu-te o Senhor uma lyra,
Que suspira
Com seraphica doçura; ()*
Deu-te o mimo mais querido,
Mais subido,
Que dar póde á creatura.

(*) Verso de Snr. Colin.

Quando os meigos sons desata,
Arrebata,
Extasia os corações,
Que ao céu se vão elevando,
Escutando
Tão dôces modulações ;

Dôces como a meiga lua,
De véu nua,
Que, nas noites de Janeiro,
Mostra a face tão formosa,
Tão mimosa,
No puro céu brasileiro ;

Como os threnos afinados,
Escapados
Da fruta na solidão,
Por leve aragem trazidos
Aos ouvidos,
Ou antes ao coração.

Qual a onda, que se espraia
Pela praia
Queixumes a murmurar,

Qual saudosa philomela,
Terna e bella,
Endeixas a gorgear ;

Assim a tua voz sôa,
Quando entôa
Carmes cheios de tristura ;
Assim falla a tua lyra,
E suspira,
Com seraphica doçura.

Tu herdaste a voz queixosa,
Maviosa,
Que Bernardim desferia,
Quando lá de sua terra
Sobre a serra,
Fundas saudades carpia ;

Quando, de dôr esmagado
E cortado,
Via o misero infeliz
O baixel que se alongava,
E levava
Sua fiel Beatriz

A Beatriz qu'elle amava,
Que adorava
Com esse exaltado amor,
Que, santo e mystico, bate
Só do Vate
No peito cheio de ardor!

Tu herlaste a voz queixosa,
Maviosa,
Que Bernardim desferia,
Quando lá de sua terra
Sobre a serra,
Fundas saudades carpia.

Ah! si minha musa triste
Não ouviste
Louvar-te em cadente lyra,
É que á minha triste musa
Deus recusa
O genio, que á tua inspira.

Bem quizera a sem-ventura
A doçura
De tua lyra imitar,

E dizer-te o enlévo immenso,
Com que penso
Nos teus versos d'encantar.

Mas em vão a pobresinha
Se amesquinha
'N este impotente querer;
Em vão; que bem que sobejo,
O desejo
Supprir não póde ao saber.

Assim, não sabe a coitada
Dizer nada,
Que possa agradar-te; não:
Mal concede-lhe o destino,
Dar-te um hymno
De devota gratidão.

29 de Novembro de 1851.



À ANGELINA.

TEUS OLHOS.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são ;
As vezes luzindo serenos, tranquillos,
As vezes volcão.

A. G. DIAS.

Entellas, que bordais o véu da noite,
O que sois, que valeis ante seus olhos ?

F. MONIZ BARRETO.

¶.

Angelina, teus olhos tão pretos
Em teu rosto brilhando incendidos,
São dous negros, gentis diamantes,
Pelo astro do dia feridos.

São dous negros, gentis diamantes,
Que das mãos do Eterno sahiram,
E que, os ares rompendo ligeiros,
Sobre nivea açucena cahiram.

Sobre ella mais negros parecem,
Que madeixas de grêga formosa,
E si a grêga avistára teus ólhos,
De avistal-os gemera ciosa;

Que teus ólhos tão bellos, tão pretos,
Em teu rosto brilhando incendidos,
São dous negros, gentis diamantes,
Pelo astro do dia feridos.

São mais negros que as trévas, que cercam
Tristes dias do cégo, aziagos;
Mais brilhantes que a nitida estrella,
Que serviu de pharol aos tres Magos.

II.

Assim como 'n um mar procelloso,
Fragil barca, do vento á mercê,

Ora vê-se arrastada aos abysmos,
Ora ás nuvens erguida se vê ;

E, querendo lutar co' a tormenta,
De baldados esforços redobra,
Que, batida por tûmidas vagas,
Infeliz, sem remedio, sossobra ;

Assim 'n esses teus ólhos tão negros,
Em teu rosto incendidos a arder,
Não podendo escapar ao perigo,
Vai a triste razão perecer !

São teus ólhos fataes á mesquinha,
Quando fervem, qual mar em furor ;
São fataes, si a scismar se desfazem
Em torrentes de meigo langor.

Os teus ólhos, ás vezes, parecem
Com insólito ardente luzir,
Outros ólhos buscar abrasados,
Onde possam seus raios fundir ;

Outros ólhos, que as chammas reflectam
D'essa negra pupilla brilhante,
Respondendo á mudez eloquente
De teu magico olhar fascinante.

III.

Qual nos vastos desertos da Arabia,
O sedento, infeliz viajor,
Que não acha uma fonte, que possa
Mitigar-lhe da sêde o ardor ;

E que sente crescer-lhe esse fôgo,
E em ao menos achar sombra amiga,
Onde o brando bafejo das auras
O consôle de tanta fadiga ;

Assim quem vê os teus ólhos
Em teu rosto sorridentes brilhando,
Como o sol no deserto da Arabia
Com seus raios ardentes queimando.

Quem teus olhos ver pôde animados,
Sem de amores mil vezes morrer?!
Si, qual barca no mar procelloso,
'N elles vai a razão perecer?!

Inda aquelle, em quem frio, e bem frio,
Coração, quasi gêlo, pulsasse,
E o amor, tão estranho á su'alma,
Vã palavra no mundo julgasse;

Apezar de gelado, se vira
Esse fôgo, que os olhos t'inflamma,
De um amor, que julgava impossivel,
Sentiria abrasar-se na chamma ;

E ficára, bem como, na Arabia,
O sedento, infeliz viajor,
Que não acha uma fonte, que possa
Mitigar-lhe da sêde o ardor !

IV.

Angelina, são teus olhos
Dous escolhos,

Onde naufraga a razão ;
Attrahe o seu mago encanto,
Qual das sereias o canto
Attrahia á perdição !

Quando inflamados á arder,
Que poder
Ha de a elles resistir,
Si, nos raios, que dardejam,
Os corações só desejam
Inteiros se consumir?

A seu magnetico lume,
Mal presume
Que fugir póde, a razão ;
Que, na porfiada lida,
Succumbe a alma vencida
Por tamanha tentação.

E não só quando brilhante,
Deslumbrante,
É teu olliar tentador ;
Á perdição leva o peito,
Quando se move desfeito
Em torrentes de langor ! . . .

Quem ha, pois, á tua vista,
Que resista,
Que se não deixe tentar?
Que não deseje contente
'N essa languida torrente
Seus ardores afogar? . . .

E d'essa negra pupilla,
Que scintilla
Com tão frouxo scintillar,
Como a luz enfraquecida
De uma lâmpada esquecida,
Que ninguem veio animar,

Ir no raio desmaiado,
Com ousado,
Sófrego, labio colher
De vida tenue parcella,
Qu'essa pupilla tão bella
Em si parece conter?

Resistir a tal encanto
Nem um santo!
E que santo se esquivar

Ao teu olhar poderia,
Que só a Deus não teria
O mago dom de tentar ?!

A seu magnetico lume,
Mal presume
Que fugir pôde, a razão;
Que, na porfiada lida,
Succumbe a alma, vencida
Por tamanha tentação !!

27 de Dezembro de 1851.



AO MEU CORAÇÃO.

Porque estás tão apressado,
Coração, a palpitar?
Queres, deixando meu peito,
Por esses ares voar?
Queres do meu pensamento
A carreira acompanhar?

Queres, misero insensato,
Este desejo cumprir?
Intentas da phantasia
Os amplos vôos seguir?
Buscas, vencendo a distancia,
Tua saudade extinguir? . . .

Esta saudade tão funda,
Tão viva, tão pertinaz,
Que te faz tão desgraçado,
Que tão ditoso te faz?
Que tanto te amarga ás vezes,
Que ás vezes tanto te apraz?

Pretendes tu, pobre louco,
Tuas dores augmentar?
Desejas ao lado—d'Elle—
De martyrios te fartar?
Queres nos olhos, que adoras,
Mais desenganos buscar?

Si ao excesso do tormento
Tivesses de succumbir,
Quem tanto havia de amal-o,
Deixando tu de existir?
Quem ousaria contigo
Em firmeza competir?

E elle, onde poderia
Tão soberano reinar?
Onde iria sua imagem

Obter tão devoto altar,
E tão desvelado culto,
Tão fervoroso, encontrar?

Deixa ir só meu pensamento,
De seus vôos na amplidão ;
Quem sabe si ao lado d'outra
O acharás, coração?
Morre embora de saudade ;
Porem de ciume . . . não !

31 de Dezembro de 1851.



AO SNR. VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

OS POSTIGUINHOS.

Dous singelos *postiguinhos*
Fez-te Angelina notar;
Dizendo qu'eu os amava,
Tambem os quizeste amar.

Si o meu amor conhecendo,
D'elles tanto góstas já;
Sabendo o que vou contar-te,
Teu affecto augmentará.

Quero dizer-te uma cousa . . .
Mas de a dizer tenho medo :
Paraque fique tranquilla,
Te peço guardes segredo.

Nem das paredes confies
Aquillo qu'eu te contar ;
Que, si o souber, Angelina
Ha de commigo ralar.

Me ha de chamar palradora ;
Ha de queixar-se de mim ;
Ha de ficar arrufada,
E não quero vel-a assim.

Esperando que observes
O sigillo que te peço,
Mais socegada, a tal cousa
A revelar-te começo.

Sabe que nos *postiguinhos*,
—Que tambem quizeste amar,—

Todos os dias risonha,
Vai-se Angelina mirar.

'N elles vai, com desculpavel,
Requintada faceirice,
Procurar a affirmativa
Do que o espelho já lhe disse.

Si visses 'n esses momentos
Os seus meneios gentis,
E radiar 'n ella toda
A mocidade feliz,

Ficáras embevecido
Esse quadro contemplando,
Que a mais dóce das venturas
Te iria n'alma infiltrando.

Ficáras, qual eu me sinto,
Quando a vejo assim faceira
Em frente dos *postiquinhos*
A meneiar-se ligeira.

Tu, porem, que ver não pódes
Esse quadro encantador,
Que debuxado parece
Por mão do travesso Amor,

Imagina-o, si podéres;
Que, depois de o imaginar,
Juro que has de um idólatra
Dos *postiguinhos* ficar.

15 de Janeiro 1852.



MINHA ESTRELLA.

Eu a vi, mas passando apressada,
Qual meteóro brilhante a luzir;
Eu a vi, e estampada em minh'alma
Se ficou para emquanto existir.

A. F. COLIM.

Eras tu, eras tu, qu'eu sonhava.

A. HERCULANO.

Houve um tempo em qu'eu buscava,
No firmamento estrellado
A estrella, á que ligado
Meu destino Deus pozéra;
Mas logo as vistas baixava,
Desanimada, abatida;
Que o astro da minha vida
Luzir não via na esphéra.

Meu pobre coração louco
Em vão tentava animar-me,
E nova esperança dar-me,
Que não podia durar ;
Sim em vão ; que dentro em pouco
Os quadros, que a phantasia,
Risonhos, pintado havia,
Vinha o pranto desbotar.

Assim via ir-se escoando
O meu viver 'n este mundo,
E com desgosto profundo
Irem-se as noites no céu. . .
Essas noites que, passando,
Uma após outra, arrancavam
As esp'ranças, que brotavam
No puro coração meu.

Mas elle, sempre teimoso,
Co'a maior perseverança.
Plantava nova esperança,
Pensando colher-lhe a flôr!
Não sabia o desditoso
Que ás sévas leis da má sorte—

Da terra o poder mais forte
Não ousa obstaculos pôr!

Em vão pretendia a mente
Ao meu doudo coração
Os conselhos da razão
Fazer attento escutar ;
Em vão dizia ao imprudente
Que teima tão prolongada,
'N esta vida limitada,
Era insano delirar.

A nada ouvidos prestava,
E, na mais louca porfia,
Logo que a noite estendia
Sobre a terra o immenso véu,
Ancioso elle procurava
Ver o seu astro radiante
Entre o cortejo brilhante,
Que passeiava no céu.

E ia assim consumindo
'N esse cansado desejo,

Triste, mesquinho sobejo
De vida tão gasta já;
De vida que, á luz eu vindo,
'N este oceano de dores,
'N um de seus impios rigores
Fadára-me a sorte má.

Mas um dia em que assomando,
Tinha a noite desdobrado,
Nitido manto esmaltado
Todo d'estrellas mimosas,
A minha não divisando
Entre o concilio luzido,
Que do meu paiz querido
As noites faz tão formosas,

« É impossivel—dizia—
« Que Deus se lembre de mim,
« E minh'alma deixe assim
« Curtir tamanho pezar!
« Deus, que as dôres allivia
« Com seu influxo divino,
« Porque, vendo o meu destino,
« Não quer a minha abrandar?

« Todos teem a sua estrella
« Mais formosa, ou menos bella;
« Podem conversar com ella,
« E admirar-lhe o fulgor ;
« Mas a minha onde está? . . . onde? . . .
« Porque me foge e s'esconde? . . .
« Porque meiga não responde
« Ao meu reclamo de amor?

« Deixa, meu Deus, qu'eu a veja,
« Inda que um instante seja,
« E que tão risonha esteja,
« Qual tenho-a visto a sonhar ;
« Que possa, de hoje em diante,
« A lembrança d'esse instante,
« 'N um dôce enlevo constante;
« A minha vida aditar.

« Ah! Senhor! tem piedade,
« Por tua summa bondade,
« D'esta cruel anciedade,
« Que me tortura o viver!
« Si te move meu tormento,
« Deixa, se-quer um momento,

« Que eu possa no firmamento
« Minha estrella amada ver! »

Depois triste, desolada,
Amargo pranto vertia,
Que, mais que a vóz, exprimia
Minha aguda, intensa dôr...
E essa pena exacerbada
Vendo lá do santo Emyreo,
Deus ao meu longo martyrio
Quiz piedoso termo pôr.

Sim—o pranto caudal, que dos olhos
Pela angustia brotava arrancado,
Conseguiu que o Senhor derogasse
Os decretos crueis de meu fado.

Atravéz da torrente de lagrimas,
Que turvava o cansado olhar meu,
Vi, mais linda que as outras estrellas,
Minha estrella luzindo no céu.

Eu a vi como a tinha sonhado,
Como a tinha pedido ao Senhor,
Um composto de mimo e doçura,
Um esmero mimoso de amor.

Um instante somente durára
Tão suave, tão grata visão . . .
Apagou-se, bem como se apaga
Do relampago o breve clarão !

Mas qu'importa que Deus a deixasse
Um instante somente luzir,
Si eu a vi, e estampada em minh'alma
Me ficou para emquanto existir?

Que m'importa, que os olhos do corpo
Não n-a possam no céu avistar,
Si co'os olhos d'est'alma eu a vejo
Dentro em meu coração fulgar ?

Sím— qu'importa, si eu sei qu'ella existe?
Si eu a vi me sorrir com ternura ?
Si da nuvem opáca, que a cobre,
Minha mente atravessa a espessura,

E a vê, qual eu tinha sonhado,
Qual eu tinha pedido ao Senhor,
Um composto de graça e doçura,
Um esmero mimoso de amor?! . . .

Sou feliz, porque guardo a lembrança
De seu meigo, encantado sorrir,
Que me deixa zombar d'essa nuvem,
Que a meus olhos a quer encobrir!

7 de Fevereiro de 1852.



O SNR. VISCONDE DA PEDRA BRANCA Á AUCTORA.

Uns olhos cantaste, Adelia,
Em versos tão primorosos,
Que deixaste os olhos todos,
D'esses olhos invejosos.

Esses olhos, que cantaste
Na lyra que o mesmo Apollo,
Arrebatado do canto,
Veio pendurar-te ao collo,

São dous gentis diamantes,
Que cahiram lá do céu . . .
Mas isso é da natureza;
O que tem elles de seu?

Que sentimentos exprimem?
Dó, gratidão, ou bondade?
Alguma vez 'n elles viste
Amor, ternura, verdade?

Senti, ao ver esses olhos,
Um deslumbrante clarão,
Que fere como o do raio,
E passa como o trovão.

Os dous gentis diamantes,
As duas bellas estrellas,
Luzem, scintillam e brilham;
Porem o que dizem ellas?

Abril de 1852.



AO SNR. VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

NÃO SEI.

Não sei si acredite, si vá duvidando
Que os olhos não mentem.

F PALHA.

Uma pergunta fizeste-me,
Á qual não sei responder ;
Tu pretendes que te explique
O que mal posso entender :
Não sabendo si é exacto,
Como, o que penso, dizer ?

'N um labyrintho de ideias
Minha mente confundida,
Sem luz, que lhe aclare as trevas,
Em que se acha envolvida,
Em dubio estado divaga,
Sem atinar co'a sahida.

Tu, sim, que melhor conheces
O humano coração,
Que tens mais experiencia
D'este mundo de ficção,
Deves saber si esses olhos
Exprimem verdade, ou não.

Com perfeição elles sabem
Amor, ternura exprimir;
Mas sei eu si então reflectem
Do coração o sentir?
A mentira, da verdade,
Como 'n elles distinguir?

Ás vezes, quando, mais ternos,
Mais desfeitos em langór,
Na dôce expressão revelam

Um paraíso de amor,
Eu penso existir na terra
Um dos anjos do Senhor.

E como então não ter crença
No que me diz esse olhar?
Acaso os olhos de um anjo
Póde a mentira manchar?
Quando os julgo tão divinos,
Posso d'elles duvidar?

Ah! eu jamais perderia
Esta fagueira illusão,
Si 'n elles sempre encontrasse
Tão angelica expressão;
Si ás vezes não deslumbrassem
Como do raio o clarão.

Si, quando mais abrasados,
Mais ardentes a luzir,
Parecendo estarem d'alma
Todo o fôgo a reflectir,
Os labios lhes não viessem
O que dizem, desmentir!

Si confirmassem os labios
D'esses olhos a expressão,
Si aquelles fossem de fogo,
Quando estes de fogo são,
Minha mente não ficára
Em tamanha confusão.

Mas, como o fogo dos olhos
Acreditar, no momento
Em que os labios me asseguram
Ser gelado o sentimento?!
Querer ver quaes são os falsos,
Não é buscar um tormento?

De gelo a palavra, opposta
Das vistas á chamma ateadada,
Faz-me pasmar, sem que saiba
O que me torna assombrada;
Si o raio ardente das vistas,
Ou si a palavra gelada!

Si são os labios, si os olhos
Que mentem, dizer não sei;
Do labyrintho, em que vivo,

Dês-que sabel-o intentei,
Que fio tirar-me póde?
Como d'elle sahirei?

Tu, pois, que melhor conheces
O humano coração,
Que tens mais experiencia
D'este mundo de ficção,
Deves saber si esses olhos
Exprimem verdade, ou não.

Não me dirijas perguntas,
Ás quaes não sei responder;
Não pretendas que te explique
O que mal posso entender;
Vem antes, com tuas luzes,
Minha mente esclarecer.

Abril de 1852.



A ELISA.

A SAUDADE.

Ella foi-se, e com ella foi minh'alma;

* * *

Não roee os labios meus nem mais um riso;
Meu terno coração ralai, saudades!

Bocacc,

Já realizados, Elisa,
Vejo os temores qu'eu tinha:
Tu partiste, me deixaste . . .
E como te foste azinha!
Sem te ver, anjo querido,
Quanto é triste a vida minha!

Essa casa tão alegre,
Quando por ti habitada,
Essa da santa virtude
Encantadora morada,
Hoje é triste como a lousa
No cemiterio isolada!

O silencio, que a rodcia,
Eu quebro, quando te chamo,
Quando invóeo o dôce nome
D'aquella, que tanto amo;
Mas só os echos respondem
Ao meu saudoso reclamo!

Contemplando essas paredes
Inanimadas e frias,
Que a cada instante me lembram
As passadas alegrias
D'esses—que juntas gozámos—
Risonhos, ditosos dias,

Minha profunda saudade
Inda mais sinto augmentar :

Meu coração opprimido
De dôr parece estalar,
Presentindo que o passado
Não se possa renovar.

Esse cruel fado imigo,
Que de mim te separou,
Porque deixou-me uma vida,
Que tão infeliz tornou?
Oh! maldito seja elle,
Que a viver me condemnou!

Oh! maldito seja elle,
Que tanto me faz soffrer:
Que mudou minha ventura
'N um continuo padecer;
Que te arrancou de meus braços,
E me deixa inda viver!

De que me serve esta vida,
Que levo tão torturada?
Como hei de agora soffrel-a
De angustias tão repassada?

Ai de mim! como arrastal-a
Si me ficou tão pesada!

Si eu possuira a certeza
De que vivias feliz,
Mais resignada acceitára
Lei, que o fado impôr-me quiz;
Mas tu soffres quanto eu soffro;
O meu coração m'o diz.

Tu semelhas, minha Elisa,
Da rosa o pobre botão,
Cujos ramos foram lascados
Por furioso tufão,
E vai triste emmurhecendo
Debruçado para o chão.

E eu o que sou, meu anjo,
Senão botão desgraçado,
Que pende triste, sem vigor,
Do pobre ramo lascado?
Bem irmãs somos nas dôres;
É bem irmão nosso fado.

Eu passo a vida sozinha,
Tua ausencia a lamentar;
A pedir a Deus um dia,
Em que te possa abraçar;
A curtir uma saudade,
Que me não póde matar !

7 de Abril de 1852.



O SONHO.

Que lindo sonho qu'en tive
Esta noite em meu dormir!
Oh! quem me dêra que os sonhos
Não costumassem irredir!

ALVES DE FERRAZ.

Porque não fiquei dormindo,
Si estava um sonho tão lindo
Meu coração a embalar?
Porque essa voz desabrida
Arrancou-me á dôce vida,
Que desfructava a sonhar?

No sonho eu realisava
As venturas, que sonhava,
Velando em meditação;
N elle via partilhado
Este sentir abrasado,
Que me queima o coração.

Como feliz me não cria,
Quando a prova recebia
De constante, ardente amor!
Como então julguei bem pagos
Esses dias aziagos,
Que passára entregue á dôr!

Fui ditosa, em extremo ditosa,
N esse instante passado a dormir;
Em lugar da saudade, em meu peito
Vi a flôr da esperança se abrir!

Sonho! sonho, que assim me illudiste,
Um momento me dando feliz!

Apezar de cruel m'enganares,
Quanto meu coração te bem-liz!

Eu bem sei quanto dóc a lembrança
De que foi tudo isso illusão;
Eu bem sei que ninguém corresponde
Aos extremos do meu coração.

Si, porém, acordada pensando,
Levo os dias tão triste a gemer,
Eu o sonho abençoô, querido,
Que um instante me deu de prazer.

Dá-me, meu Deus, a promessa
De outra noite como essa,
Que me fizeste gozar!
Tudo soffrerei contente,
Co'a esperança somente
De assim outra vez sonhar.

Ah! quem déra fosse infindo
O sonho, que era, tão lindo,

Meu coração a embalar !
Maldita a voz desabrida,
Que arrancou-me á doce vida,
Que desfructava a sonhar !

4 de Maio de 1852.



O SNR. ANTONIO GONÇALVES DIAS À AUCTORA.

—D'onde vens, viajor ?

—De longe venho.

—Que viste ?

—Muitas terras.

—E qual d'ellas

Mais te soube agradar ?

—São todas bellas ;

Fundas recordações de todas tenho.

—E admiraste o que ?

—Ah! onde as flôres

Cadavez a manhã tornam mais linda,

Onde gemeu Paraguassú de amores,
E os echos fallam de Moêma ainda;
Alli, Sapho christã, virgem formosa,
A vida aos sons da lyra dulcifica :
D'escutar a sereia harmoniosa,
Ou de vel-a, a vontade presa fica !

23 de Maio de 1852.



AO SNR. VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

Que preceito tyranno m'impede
De voar pressurosa a teus lares?
De poder, na ventura de ouvir-te,
Extinguir da saudade os pezares?

Da saudade tão viva e profunda,
Que, qual serpe, minh'alma envenena;
Vem tu, pois, esmagar este monstro,
Que a tormentos crueis me condemna.

Com tuas sabias palavras
Vem m'ensinar a esquecer
Este mundo de mentiras,
Em que forçam-me a viver.

Elle, como tu bem sabes,
Tem costumes sociaes,
Que nos privam de fazermos
O que desejamos mais.

Em vão contra taes usanças
Pretendo me rebellar;
Á ellas cêdo; sou debil;
Não posso luctas travar.

Tu, porem, pôdes rir, cáro amigo,
D'este mundo de enrêdos crueis,
Como o nauta animoso, que canta
Affrontando do mar os parceis.

Sim; tu pôdes zombar 'n este mundo
Dos costumes que julgas tyrannos,
Despresando os espiritos fracos,
Que os approvam, que os seguem insanos.

Vem ensinar-me a esquecer
D'estes usos sociaes,
Que, sem razão, nos prohibem
O que desejamos mais.

Julho de 1852.

A MEU PAÉ.

UMA SUPPLICA.

A ti, Pae, fui uma graça
Com timidez implorar ;
Mas, de vel-a indeferida,
Tive o profundo pezar.

Temendo desagradar-te,
Si o pedido renovasse,
Roguei a Deus que a maneira
De te mover me inspirasse.

Meu Deus!—afflicta eu dizia—
« Ensina-me o que fazer,
« Para o—*sim*—, tão desejado,
« De meu bom Paesinho obter.

« Outra vez fallar-lhe 'n isto,
« Ir desgostal-o receio;
« Tu, Senhor, que tudo podes,
« Aponta-me um melhor meio.

« Tu, que a dôr bem conheceste,
« Que me encheu o coração,
« Quando vi minha esperança
« Mallograda por um—*não*;

« Um triste—*não*--que m'impede
« De correr, como desejo,
« Para matar a saudade
« De quem tanto ver almejo;

« De algum de teus bellos anjos
« M'empresta a afinada lyra,

« Que alcançar breve o —*sim*— possa,
» Por que minh'alma suspira.

Quando ao Senhor esta préce
Eu afflicta dirigia,
Elle, cheio de bondade,
Julguei que me respondia :

—Para de teu pae obteres
—Essa graça, que appeteces,
—Uma das lyras dos anjos
—Emprestada não careces;

—Vai com essa, que possues,
—Junto a elle dedilhar;
—Que, condoido de ouvir-te,
—Ha de o —*não*—'n um —*sim*—mudar.

Seguindo o santo conselho,
Que suppuz dado por Deus,
Vim dedilhar minha lyra,
Ajoelhada aos pés teus.

Os sons queixosos lhe ouvindo,
Terás compaixão de mim? . . .
Emvez do—*não*—tão amargo,
Dar-me-has um doce—*sim*? . . . (*)

9 de Agosto de 1852.



(*) Estes versos produziram o desejado effeito, e obtive de meu bom Pae o *sim* do que lhe havia pedido.

AO SR. VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

QUE CHUVA !

Que chuva, querido amigo,
Tão importuna e tão má !
Ah! quanto nos contraria,
Não te deixando vir cá!

Cada noite, ao recolher-me,
Sinto fagueira esperança
De que a manhã do outro dia
Seja manhã de bonança.

Mas qual! a manhã seguinte,
Para adrede atormentar-me,
Toda chuva, toda vento,
Vem do somno despertar-me!

Imagina como fico,
Quando acordo ao som pesade
Das grossas pancadas d'agua,
Cahindo sobre o tellhado!

E acaso suppões que este
Das gótas d'ella me abriga?
Pensas que um sólido fôrro
Me defende da inimiga?

Estás em completo erro;
Que a chuva invadindo tudo,
Nem as telhas, nem o fôrro,
Podem servir-me de escudo.

Nunca vi, querido amigo,
Dias assim tão iguaes,
Tão irmãos, tão parecidos,
P'ra desesperarem mais!

Sabes o que será isto?...
Diluvio teremos novo?...
Punir—Deus pretende acaso
Os peccados do seu povo?...

Como prevenir desgraças
Nenhum mal póde fazer,
Vê si arranjas um barquinho
P'ra o que pudér succeder,

Outubro de 1852.



ACROSTICO.

Vnjo, que me appareceste
Nesta vida de afflicção,
Senio bom, que me pozeste
Esta fé no coração,
 Linda estrella, que fulguras,
—nveja causando ás mais,
No teu éden de venturas
Vcaso escutas meus ais? . . .

Outubro de 1852.



PORQUE DUVIDAS ?

Para mim és tu só o universo;
Sóe embora o bulício do mundo;
Que este existe somente, onde existes:
Tudo o mais é um ermo profundo.

A. HERCULANO.

Porque não me acreditaste ?
Porque duvidas de mim ?
Nas terras, por onde andaste,
Alguem já te amou assim ?
Já encontraste no mundo
Alguem, que amor tão profundo
Te podesse dedicar ?
Coração, que mais ardesse,
Que um teu suspiro soubesse
Com mil suspiros pagar ?

Quem tanto tempo a lembrança
De um sonho havia guardar,
Sem a menor esperança
De o poder realizar?
Quem, com tamanha ternura,
À sombra de tarde pura,
Teu nome repetiria,
Embevecida julgando
Que te estava contemplando
Nos horisontes, que via?!

Ai! quem á noite velando,
Em ti assim pensaria?
E para em ti 'star pensando,
Quem, quem tanto velaria?!

Quem já formou tão risonhos,
Tão lindos, donrados sonhos,
Entretida a meditar?
Quem, dès-te tão curta idade,
Com tanto amor e saudade,
Por ti verias chorar?!

Quem, dos bailes no tumulto,
Se acharia tão sozinha
Co'o pensamento, que occulto
Do seio no fundo tinha?!

Quem, 'n elles, com mais tristeza,
D'uma invejou a belleza,
D'outra as prendas invejou,
Para attrahir os olhares,
Que te via espediçares
Com a que nunca te amou?!

Os males de tua vida
Quem partilbar quereria
Co'a ternura estremecida,
Com que os eu partilharia?
Ah! quem tão fervidamente
Rogaria ao Omnipotente,
Para d'elles te isentar?!
Nadando em santas delicias,
Do coração as primicias
Quem assim te havia dar?!

Só eu um coração dar-te podia,
Cujos sonhos mais dôces fossem teus,
Como d'alma é a mystica poesia,
Como no céu os anjos são de Deus.

Só eu podia dar-te um coração,
Que afagasse tão terno á tua imagem,
Como á flôr escondida no botão
Afaga, carinhosa, a branda aragem.

Só eu um coração podia dar-te,
Tão rico de ternuras e de amores,
Que nos gozos soubesse acompanhar-te,
E desvelado mitigar-te as dôres.

Não, não é uma mentira;
Este coração, que á lyra
Por ti, só por ti me inspira,
Todo, todo, te entreguei;
Pódes com mimo adoral-o,
Como um thesouro guardal-o;
Pódes tambem despresal-o,
Que inda assim te bemdirei.

Te bemdirei—não te minto—
Pelo, que hoje em mim sinto,
Desconhecido soffrer . . .

Quem d'antes crêr me faria,
Qu'essa paixão, que eu nutria,
Viesse ainda a crescer?! . . .

Ella, ai de mim!—augmentou-se,
E a tal extremo elevou-se,
Que já não posso occultar;
Do meu coração o espaço
É já hoje bem escasso
P'ra tamanho amor guardar.

Porque não sei explicar-te
O que óra se passa em mim?
Ail porque não sei provar-te
Que nunca soffri assim?!
Na minha vida passada
Tua imagem adorada
Nunca me fez tanto mal;
Nunca me deu um tormento,
Convulso, louco, violento,
Que fosse ao que sinto, igual!

De somno tão agitado,
Porque um instante passei?
Cõ'o peito dilacerado
Porque, tremendo, acordei?
Ah! não creias que te engano
No meu delirar insano,
Que não sei bem expressar:
'Nessa insomnia de amargura
Deu-me a cruel desventura
Uma ideia de matar!

Era a ideia desgraçada
De que, breve, te veria
Só nos sonhos da abrasada,
Delirante phantasia!
Ah! dissipa-me este medo;
Não te demores; vem cedo,
Si não por amor, por Deus,
Salvar-me d'esta anciedade,
D'esta medonha saudade,
Verdugo dos dias meus!

29 de Novembro de 1852.

ACROSTICO.

Vbriste em fresca manhã
No meio das outras flôres,
Gentil florinha louçã,
Extasiando os amores . . .
Tyrio do céu, que vieste
Incensar o mundo meu,
No puro seio trouxeste
Vlmos prazeres do teu !

27 de Dezembro de 1852.



EU TE AMO.

Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como da gôta do orvalho
Carece no prado a flor.

A. G. DIAS.

Lembre-te a hora bendita
Em que o nuno, com carinho,
Te derramou na minh'alma
Como a sombra no caminho.

LAMARTINE.—*Trad*

Astro, que tão poucos dias
O meu mundo allumiaste,
Tu, que 'n elle refulgias,
E tanto me fascinaste,
Porque fugiste tão cêdo?
Por acaso houveste medo
De mais tempo aqui brilhar,
E foste, então, teus fulgores,
Distante de teus amores,
'N outra plaga derramar?

Não vês que a debil plantinha,
Privada do teu calor,
De saudade se definha,
Se definha de langor?
Não vês que viver não póde,
Si um raio teu não acóde
A sustentar-lhe o viver?
Não vês que, sem teu cuidado,
Este pezar extremado
Bem cêdo a fará morrer?

Porque a dôr lhe não evitas,
Que a vai consumindo assi?
Mais qu'esta a terra, que habitas,
Tem attractivos p'ra ti?
Por isso lá permaneces?
É por isso que te esqueces
Da plantinha emmurhecida,
Sem reparar que da triste
Aos tufões já não resiste
O tenue fio de vida?!

Não; nãc são os eneantos da terra,
Que te attra'em, que te prendem, meu bem;

É a lei d'invencível destino,
Que distante de mim te retem.

E qu'encanto encontrar poderias,
Que attractivo acharias ahi,
Si de amor lá não vive quem faça
Tão subidos extremos por ti?

Nem quem busque mirar-se em teus olhos
Co'a profunda, indizível ternura,
Com que meu coração, enlevado,
'N esse espelho mirar-se procura.

O que nos teus olhos leio,
Ninguem o soletra, eu creio,
Ninguem o entende, anjo meu ;
Ninguem sabe a phrase linda,
Que Deus, com bondade infinda,
'N elles p'ra mim escreveu.

Não viste a phrase querida
Nos meus olhos reflectida,

Quando encontravam os teus?
Não viste-a e a alma escrita,
Com devoção infinita,
Após o nome de Deus?

Nos meus risos de ventura,
Nos meus prantos de amargura,
Não n-a viste transluzir,
Quando, do mundo esquecida,
De minh'alma toda a vida
Fui nos teus labios sumir?!

Ah! dos *Echos da minh'alma*
Quando as folhas percorreste,
Essa phrase encantadora
Impressa 'n ellas não lêste?

Não n-a viste 'n essa—*Queixa*?
'N essa do—*Sonho*—illusão?
Nos gemidos da—*Saudade*?
No—*Delirio*—da paixão?

'N essa palavra, que a êsmo
Cahia dos labios meus,
E que tão mago sorriso
Desafiava dos teus?

—*Eu te amo*—não lêste mil vezes
No receio, com qu'eu evitava
Teu olhar, em que o siso perdia;
Que tão ébria de amor me prostrava?

Quando fallas co'o astro das noites,
E de amor meigo olhar 'n elle fitas;
Quando em brando silencio o contemplas,
E nos nossos amores meditas;

Minha vista suspensa não vês
Lá nos raios fulgentes da lua,
Com enlêvos de amor infinito
Procurando encontrar-se co'a tua?

E depois, n'uma só confundidas,
Repassadas d'immensa ternura,
A scismar como atonitas ficam,
Futurando sublime ventura?!

—*Eu te amo*—meus olhos te dizem,
E te dizem meus labios tambem;
Teu olhar me responde :—*Eu te amo*—
No suave volver qu'elle tem.

Quanto amor cá na terra imaginas,
Quanto julgas que o céu pôde ter,
De teus olhos ressumbra, meu anjo,
Resumido no dôce volver.

Ah! volta, volta depressa!
De teu olhar o condão
Me livre d'este martyrio,
Que me rala o coração.

Vem allumiar meu mundo,
Que todo trévas ficou,
Dès-que o seu astro tão lindo
De apparecer-lhe deixou!

..... ..
E traze á debil plantinha,
Privada de teu calor,
Qu'emmurcheceu, consumida
De tua ausencia co'a dôr,
A vida, a paz, a ventura,
'N um teu sorriso de amor.



À ANGELINA.

(NO SEU DESPOSORIO.)

Anjo querido, que o pranto
Tantas vezes me enxugaste,
Tu, que de amarga saudade
O negro fel me adoçaste,
E seus agudos espinhos
Menos pungentes tornaste ;

Tu, de quem a voz maviosa
Tanto eu gostava de ouvir,
Quando, exprimindo os encantos

De teu profundo sentir,
Vinha, qual sôpro celeste,
Na minh'alma se sumir;

Tu, que tens a voz de um anjo,
Que tens de um anjo a belleza;
Tu, que d'elle herdaste o nome,
Tu, que lhe herdaste a pureza :

Que és a irmã de minh'alma,
Que te adora estremecida,
Cujo livro não tem folha,
Que por ti não fosse lida :

Embebe, como sóhias,
'N ella o teu olhar tão puro,
E lê, d'intensa amisade,
O que em vão dizer procuro.


Vê ahi, como dirijo
Ardentes préces a Deus,

Para que enfeite os teus dias
Das lindas flôres dos ceus.

Possa o mortal qu' escolheste,
E concedeu-te o Senhor,
Realisar teu sonhado
Éden sublime de amor!

Possa elle, como espero,
Tu'alma comprehender,
Fazendo que os anjos tenham
Inveja do teu viver!!

25 de Maio de 1853.



DOR E ESPERANÇA.

O sôpro fagueiro de brisa macia
Teu barco movia,
Teu barco impellia
P'ra longe de mim;
E eu, enquanto elle levar-se deixava,
Sosinha chorava,
Sosinha accusava
Meu fado ruim.

Chorava, porque partias
Para tão longo cruzeiro ;
Porque via o teu navio
De mim fugir tão ligeiro,
E tu de lá me mandares
Um triste adeus derradeiro.

Depois, como a noite seu manto estendia,
E quasi envolvia
Teu barco, que ia
Correndo veloz,
Que olhar de saudade, de intensa amargura,
De terna tristura,
Com triste ternura
Minh'alma lhe poz !

Que olhar de amoroso anseio,
De tantas angustias cheio,
No teu navio fitei !
De rasgar, anjo querido,

Esse manto denegrado
Quanto o poder almejei !

« Meu Deus! meu Deus! eu dizia :
« Tu, que vês quanto o adóro,
« Traze depressa a meus braços
« O consorte, por quem chóro!

« Faze que um prompto regresso
« A mim, Senhor, o conduza ;
« Dá-me tu, que tanto pódes,
« O que o fado me recuza! »

Quando á noite em nossos lares
Tão solitaria me achei,
E o lugar, em que te via,
Tão vazio contemplei,
Com que pungente saudade
Tristes prantos renovei!

Ceguei a pedir ao vento . . .
—Qu'insensato pensamento!—
Me viesse arrebatat,
E que me fosse a teu lado,
No sôpro mais perfumado,
Ditosa e leda pousar!

Si tu, meu idolo amado,
Si tu podesses então,
Embebendo as tuas vistas
Dentro do meu coração,
Ver como o dilacerava
Da saudade a negra mão,

Oh! que bem conhecerias
O que dizer-te não sei;
Oh! que jamais duvidáras
Do amor que te jurei,
'N esses olhares de fôgo,
Com que tu'alma queimei.

Sim, verias que te amo,
Quanto á flôr a primavera;

Quanto a mãe ao tenro filho,
Pelo qual morrer quizera.

Qual o que tinha Moysés
À palavra do Senhor;
Qual o que na cruz sentia
Dos homens o Redemptor;
Dedicado, ardente, immenso,
Assim é o meu amor!

Como pela luz o cégo,
Pela patria o exilado,
Pelo céu, da fé o martyr,
Pela vida o condemnado,

Suspiro porque haja breve
Tua ausencia de findar,
E qu'esta sêde de ver-te
Possa em teus olhos matar.

Inda quatro longos^o dias
De insoffriveis agonias
A separar-nos estão! . . .
Dias, que mais e mais crescem;
Que quatro sec'los parecem,
Que lentos passando vão!

Oh! praza a Deus que infinita
Sejas tu, hora bemdita,
Que nos debes reunir;
Que assim nos terás vingado
Da tyrannia do fado
Que teima em nos perseguir!

Então esta pobre vida,
De tantos males tecida,
Poderemos esquecer;
E a nossa oblação mais pura
A Deus, por tanta ventura,
Agradecidos render.

1.º de Setembro de 1853.

AOS ANNOS DO SNR. VISCONDE DA PEDRA BRANCA

EM 10 DE DEZEMBRO DE 1854.

*Si falta o estro, o coração sojeja;
A bem do coração desculpa o canto.*

V. DA PEDRA BRANCA.

O pó, que toda a envolvia,
Da lyra fui sacudir,
E as cordas enferrujadas
Com todo o esmero polir,
A ver si algum som mais dôce
D'ellas podia extrahir.

Eu buscava á minha lyra
Dar tão sublime expressão,
Que d'amisade mais pura
Fosse a fiel traducção ;
Um echo, que repetisse
As fallas do coração.

Mas a lyra, a pobre lyra
Tanto tempo abandonada,
Apezar dos meus esforços,
Ficou tão desafinada ! . . .
Do que o meu coração disse
Não soube repetir nada.

Em vão suppliquei ás musas
Que a viessem afinar ;
Não me ouviram ; ou quizeram
D'est'arte me castigar,
Por tanto tempo passado
Sem eu d'ellas me lembrar.

Só dos filhos predilectos,
Que por ellas estremecem,
Para ornar as nobres fronteas

De flores capellas tecem ;
São elles, que os seus thesouros,
Tão cubiçados, merecem.

A estes pertence em hymnos
De suave melodia
Louvar-te, no anniversario
De teu natalicio dia,
As virtudes, que minh'alma
Com devoção aprecia.

Não irá, pois, minha lyra
Unir seus accentos rudes
Aos sons dôces, maviosos
De sublimes alaúdes,
Que, afinados pelas musas,
Applaudem tuas virtudes.

Sim ; que saudade tão funda
Meu coração despedaça,
E de tão negra tristeza
Verte 'n elle amarga taça,
Que, o canto que eu desferisse,
Seria um canto sem graça.

Não vá, pois, esta saudade,
Que sinto n'alma a gemer,
Co'as rosas de tua aurora
Triste contraste fazer;
Nem misturar seus suspiros
Co'os risos de almo prazer.

10 de Dezembro de 1853.



A MORTE DO SNR. VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

ULTIMO ADEUS.

Não morreu! voltou só a terra á terra!
O que era fragil cinza, a sepultura
No avião sóio para sempre encerra!
MENDES LEAL.

I.

Cortada pelos gemidos,
Pelos soluços sentidos
Da mais profunda saudade,
É a triste despedida,
Que has de, em meus versos carpida,
Receber na eternidade!

É o adeus derradeiro
De um coração verdadeiro,
Que muito te quiz na vida;
Ultimo adeus de quem jura
De ti guardar a mais pura,
Lembrança nunca esquecida.

Ai! porque fatal acaso
Só do sol no triste occaso
Um reflexo pude ver?!
Frouxo reflexo de um raio,
Que a pallidez do desmaio
Já de todo ia esconder?!

Cheguei tarde . . . apenas pude
Sobre o funebre ataúde,
Em pranto os olhos fitar! . . .
A gratidão, a amisade,
A dôr de extrema saudade
Resumia 'n esse olhar.

O calix da desventura,
A transbordar de amargura,
Qu'eu tragasse a sorte quiz;

Rasgando com violencia
Do meu livro da existencia
Uma folha bem feliz!

'N essa folha afortunada,
Por tuas mãos preparada,
Tinhas escripto—amisade;—
D'ella o que resta? somente
Uma lembrança na mente;
No coração a saudade!

Ai! porque fatal acaso
Só do sol no triste occaso
Um reflexo pude ver?!
Frouxo reflexo de um raio,
Que a pallidez do desmaio
Já de todo ia esconder!

III.

Áquelles que tanto amaste,
E cá na terra choraste,
Lá no céu te vais unir;
Vais ver o filho adorado,

Cuja perda terminado
Fez-te crêr o teu porvir.

E longo tempo assim crêste;
Mas no futuro morreste
Quando teu filho morreu?
Não; que Deus p'ra consolar-te,
E da perda compensar-te
Um novo filho te deu; (*)

Mimosa flor d'innocencia,
Que do tronco da sciencia
'N um rebento despontou. . .
No porvir sentiste a vida,
Quando a florinha querida
Tão gentil desabrochou.

■ ■ ■.

Da filha e mãe extremosa
Á dôr o filho sorria,

(*) Em seu neto, dado á luz por sua filha a S^{ra}.
Condessa de Barral, depois de dezoito annos de ca-
sada.

O valor não conhecendo
Do thesouro que perdia !


Mas quando um dia d'esse bem superno
O preço avaliar,
Irá co'o pranto do chorar materno
Seu pranto misturar,

Quando mais tarde á sombra da ramagem
Dos chorões do jazigo,
For queixumes carpir, beijando a lage
Que cobre o extinto amigo,

Irei dizer-lhe, das lições lembrada
De seu segundo pai,
Que, si o corpo do justo volve ao nada,
O espirito p'ra o céu vai.

Qu'esse, que, tão em flôr, deixou-lhe a vida,
Teve, entrando os umbraes da eternidade,
A recompensa ao justo promettida,
Que lhe adoçou dos filhos a saudade.

27 de Março de 1855.



UNS OLHOS. (*)

('N UM ALBUM.)

'N um semblante peregrino
Dous olhos castanhos vi,
Tão ternos, tão matadores,
Outros jamais conheci.

Do sol ardente não tinham
O deslumbrante fulgor :
Mas, como a serena lua,
Meigos fallavam de amor.

(*) Imitação.

Brilhavam co'a luz suave,
Que allumia o coração;
Do divino olhar dos anjos
Tinham o dôce condão.

Olhos, que assim possuíam
Tão poderosa magia,
Quem, depois de os avistar,
Por elles não morreria?! . . .

1864.



CANTO PATRIOTICO.

II.

A lyra, já condemnada,
Talvez, a silencio eterno,
Hoje desperta, animada
Da patria ao grito materno.
Si jazia adormecida,
Não tinha perdido a vida,
Podia ainda accordar;
Firme o coração, que outr'ora
Do Brasil cantou a *aurora*,
Nunca deixou de pulsar.

Nunca; e palpitando estreme
Por ver-te, ó patria, exaltada,
De indignação hoje treme,
Vendo-te assim humilhada!
Ai de mim! . . . fraca mulher,
Que tanto almeja poder,
E que só pode almejar! . . .
Esta fraqueza—bem vejo—
Amortalha o vão desejo,
Que sinto de te vingar.

Dêsde o começo da vida,
Como a luz dos olhos meus,
Tenho amado, estremecida,
Todos os primores teus.
Como hei de, pois, indolente,
Ver um perfido insolente
Nodoar teu pavilhão,
Sem que deseje, indignada,
Ver tanta injuria lavada
No sangue d'esse villão?!

II.

Qual foi o fado, que te deu, sinistro,
Esse Ministro, quebrantado e velho,

Que, ouvindo insultos dos mandões britanos,
Aos longos annos não pediu conselho?!

Que deixa, inerte, deslustrar a gloria,
Que a nossa historia juvenil proclama?!
Que aos louros, ganhos por miosa gente,
Deixa ao descrente marcar a fama?!

Que culto, ó patria, eu não rendêra ao velho,
Si fôra espereito dos heroes d'outr'ora!
Si na respecta, que em teu nome dêra,
Mostrar soubêra quanto és livre agora!

Não creia, entanto, o insular ousado
Ter-nos manchado com seu vil insulto;
Que os descendentes de leões guerreiros
Não são cordeiros de um rebanho inulto.

Os que souberam, com gentis façanhas,
Da força e manhas triumphar dos luzos,
Depois de livres, como o sol dos bravos,
Hão de hõje, ignavos, se encerrar a intrusos?!

III.

Já da tragedia medonha
Do *Monarcha do oceano*,
Porque o cobre de vergonha,
Não se recorda o britano !
Sim, dos seus abandonada,
A guarnição malfadada,
Preza do fogo e do mar,
Percêra horrivelmente,
Si o brasileiro valente (*)
Não n-a fosse resgatar.

Para opprobrio seu nos mares,
Outro caso ainda existe,
Que nas chronicas vulgares
Um nome lhe dá bem triste :
Foi quando á *Vasco da Gama*,
Não do incendio na chamma,
Mas da procella no horror,
Em soccorrer vacillára,
E essa gloria deixára
Do brasileiro (**) ao valor.

(*) O Snr. Visconde de Tamandaré.

(**) O mesmo Snr. Visconde de Tamandaré.

Que valem ébrias armadas
D'essas raças aviltadas
Pelo nefando egoismo ?
Que valem canhões raiados
Contra peitos couraçados
D'ingente patriotismo ?

Lê, britano, a tua historia,
'N ella aponta qual a gloria,
Que te faz tão orgulhoso !
É teres dado á mesquinha,
D'Escossia infeliz rainha,
Um cadafalso affrontoso?!

Glorificam-te as lembranças
D'essas miseras creanças,
Filhas do quarto Eduardo,
Mandadas asphixiar,
Com barbarismo sem pâr,
Pelo perverso Ricardo?!

Nem valeu aos innocentes
Serem dous anjos dormentes
No mesmo leito abraçados ;

Qu'esse quadro, tão do céu,
Não tocou, não commoveu
Os peitos dos condemnados!!

Vê na pagina saugrenta,
Que o *brilho* inda mais augmenta
De teu *dourado* brazão,
Rolar de Carlos primeiro,
Por mão de algoz traiçoeiro,
A cabeça pelo chão!

Quantas scenas horrorosas
Mancham as folhas annosas
Da medonha historia tua!
Si nas brenhas a escutassem,
Talvez que as fêras pasmassem
De uma fereza tão crua!

Monstro, que n'Africa ardente
Vais o negro libertar,
E deixas, incoherente,
Em teu seio vigorar
Lei iniqua, revoltante,
Dando ao marido o poder

D'a propria mulher vender
No leilão mais aviltante !!

Impio, que, após tantos crimes,
As outras nações opprimes
Pelo nefando egoismo,
Contra teus canhões raiados
Temos peitos couraçados
D'ingente patriotismo!

Temos a honra, a bravura,
Temos n'alma a fé mais pura
Para vencer-te na liça ;
Temos um sólo invejado,
Um Soberano illustrado,
Temos de Deus a justiça.

27 de Fevereiro de 1863.

O SNR. FRANCISCO MONIZ BARRETTO À AUCTORA

NO ANNIVERSARIO DE SEU NATALICIO.

Mais terno canta o sabiá frutado;
Veste-se o prado de melhor matiz;
Mais dos regatos o cristal se aliza;
Mais dôce a briza seus amores diz.

Mais bella é a flor, e mais perfume exhala;
O céu mais falla a quem no Eterno crê;
Do ser creado pelo Ser Divino
Em tudo um hymno o pensamento lê.

Do sol no disco, que mais luz derrama,
 Um nome á fama recommenda o céu;
 Nome, que a noite, mais gentil, revêla
 Em cada estrella, que lhe borda o véu.

« *Adelia!* » dizem os celestes hymnos,
 Os dōces trinos do plumoso Orphêu;
 D'aura murmura o perfumado bafo—
 « *Adelia!* . . » e Sapho um brado eterno deu.

Honra, bahianos, do Parnaso á rosa,
 Que esta endeósa região christã!
 Bardos! a hora da homenagem sôa:
 Uma corôa—á nossa illustre irmã!

'N ella—eis cumprido o qu'eu predisse outr'ora,
 Quando n'aurora de sua idade a ouvi . . .
 Lá—dos romeiros do Senhor—na estancia, (*)
 Quanta fragrancia em seu poctar senti!

Fulge-lhe o estro, que a modestia esconde,
 Quando responde ao portuguez Cantor: (**)

(*) No Bomfim.

(**) O Snr. João de Lemos

Quem não inveja, na linguagem sua,
A nossa lua a nos fallar de amor?!

Os lindos olhos de Angelina bella,
Nas phrases d'ella, inda mais lindos são . . .
É, para as almas, sua lyra rara
Magica vara d'immortal condão.

Lgrimas tristes a sua arpa arranca,
De Pedra-branca lamentando o fim . . .
Gloria ao poéta, que tivera a sina—
De voz divina p'ra cantal-o assim!

Contra a britana prepotencia ousada,
O pléctro, irada, vem, por fim, brandir:
'N esse hymno, em prol de sua livre terra,
Clarim de guerra nos parece ouvir!

É o adêjo de seu genio immenso—
Queimado incenso, que se cleva a Deus:
Por Elle ungidos—os seus labios santos
Vertem, nos cantos, todo o mel dos ceus.

De poetisa á rescendente palma
Une a de um'alma, como poucas tem;

De mãe, d'esposa, em vivo amor accôsa,
De uma purêza dos vergeis do Edên.

Honra, bahianos, do Parnaso á rosa,
Que esta endeósa região christã!
Bardos! a hora da homenagem sôa:
Uma corôa—á nossa illustre irmã!

24 de Novembro de 1863.

À EX.^{ma} SNRA. D. EUDALINDA A. F. BULHÕES.

(NO SEU ALBUM.)

Da patria o gemido triste,
Quando tu, virgem, ouviste,
Na minha lyra sentiste
Tanta dôr repercutir,
Que, vendo-a chorar magoada
Sua terra não-vingada,
A julgaste despertada
Para nunca mais dormir !

Mas ah ! como te enganaste
No juizo que formaste !
Foi o gemer que escutaste

Do pranto unguido da dôr;
Final scentelha de lume,
Que a falta de óleo consume,
Ou derradeiro perfume,
Que se desprende da flôr.

Não penses, virgem querida,
De novo chamar á vida
Esta lyra que, perdida,
Jaz do olvido no pó;
Si accordou de somno largo,
De tão profundo lethargo,
Foi para, com pranto amargo,
Carpir sua patria, só.

Hymnos dar-te eu não espero;
Do coração, pore, quero
Um vóto ardente e sincero,
Por ti, ao céu enviar:
Possa, mimosa donzella,
A tua rósea capella,
Da virtude a flor singela,
Pura sempre conservar!

3 de Dezembro de 1863.

À EX.^{ma} SNRA. D. BRASÍLIA BOTELHO.

(NO SEU ALBUM.)

Uma flor, por mim plantada,
Queres aqui, de poesia;
Mas onde achal-a, si o genio
Essa flor somente cria ?

Houve tempo, em que das musas
Fui docemente afagada;
Hoje de balde as invóco;
Commigo não querem nada !

Para ser harmoniosa,
De cultura a voz carece;
Sem cultura, da poesia
À flor em botão fenece.

Este botão, que definha,
Já sem aroma e sem côr,
Plantal-o aqui no teu *album*
Todo galas e primor,
Fôra grinalda de rosas
Mesclar de um goivo de dor;

Sim; qu'entre flores viçosas
Collocar botão mirrado—
Fôra entoar triste endêcha
Em festim de baptisado;
Fôra o pranto de viuva
Entre os risos de noivado.

Assim, Brasília, em teu *livro*
Apenas posso depôr—

Da mais terna sympathia
A mimosa e casta flor,
Que brota espontanea d'alma,
Sem carecer de cultor.

Junho de 1864.



O MEU ANJO DA GUARDA.

Anjo, que sempre me guardaste n'alma,
Nitida a palma d'infinito amor,
Oh! quanto est'alma não tornaste bella,
Plantando 'n ella da poesia a flor!

Que flor mimosa, perfumada e pura!
Quantá doçura me não fez libar
Na dor, causada pela atroz lembrança
De sem esp'rança 'n este mundo amar!

Sim; jamais pôde, do soffrer no meio,
De que tão cheio o meu passado é,
D'alma, guardada por ternura immensa,
Fugir-me a crença, vacillar-me a fé.

Tu me fizeste dès de tenra idade
Sempre a verdade com pureza amar;
Jamais deixando que a mentira impia
Ousasse um dia os labios meus nodoar.

Quando de pranto me alagava o rosto
De um mal supposto a cruciante dor,
Só tu fazias, me enxugando o pranto,
Que achasse encanto em meu penado amor.

As mil bellezas de uma noite pura
Tu com brandura me fazias ver,
E em cada estrella, que lhe ornava o manto,
Um nome santo, embevecida, ler.

O mar, o rio, a cristallina fonte,
O horisonte a se estender sem fim;
No céu a lua a deslizar-se amena,
Bella e serena, pelo azul setim;

A linda aurora, adelgacando a tréva,
Quando se eléva perfumada aos céus,
E vai da noite descobrindo, a medo,
Tanto segredo, ao suspender-lhe os véus;

As avesinhas, qu'em maviosos trinos,
Cadentes hymnos ao Eterno dão;
A borbolêta a doudejar, incerta,
Da rosa aberta, ao infantil botão;

As maravilhas, que natura encerra
No céu, na terra, no profundo mar;
Tudo, meu anjo, tudo a mim mostraste,
E me ensinaste a compr'hender e amar.

Newton illustre, em atrevido adejo,
Achando o ensejo de chegar aos ceus,
E, temerario, o divinal mysterio
Do mundo ethéreo sorprendendo a Deus;

Franklin, ousando, em arrojado ensaio,
Fazer que o raio lhe obedeça á lei;
Elle, o amigo tão leal do povo,
Do mundo novo libertando a grei;

E Guttemberg, que, inventando a imprensa,
De gloria immensa o seu braço encheu,
E da sciencia o salutar progresso
Ao orbe, oppresso pela ignorancia, deu;

Camões, por Lysia tão chorado ainda,
De Ignez tão linda o immortal Cantor,
Carpindo as magoas da infeliz infanta,
Martyre santa de extremo amor;

Quanto de nobre, generoso e grande
O genio expande, que admirar-nos vem;
Quanto d'enlevo o pensamento cria;
Quanta harmonia o coração contem;

Si me arrebatada, si extasia e enleia
Est'alma cheia de infinito amor,
Anjo! a ti devo, que a tornaste bella,
Plantando 'n ella da poesia a flor.

Graças, meu anjo! de feliz esposa,
De mãe ditosa, que hoje sou, oh! sim,
Deste-me a gloria, me guardando n'alma,
Nitida a palma de um amor sem fim!

A santidade d'este amor sublime,
Qu'est'alma exime de que a toque o mal,
Illesa e pura, do Senhor ao abrigo
Leva contigo no meu ai final.

27 de Setembro de 1865.



CANTO PATRIOTICO.

De novo, patria querida,
Te ouvindo afflicta gemer,
Minha lyra, entristecida,
Vem partilhar teu soffrer;
Sim, de novo vem provar-te
Que o sentimento de amar-te,
Innato em meu coração,
Embora volvam os annos,
Não teme do tempo os damnos,
Não soffre mudança; não.

Meu Brasil! como te adoro!
Como é fiel o meu culto!
Tuas magoas como choro!
Com teu prazer como exulto!
'N outro tempo, quando eu tinha
Só a pobre lyra minha,
Confidente de meus ais,
Cada dia dei-te um canto,
Com amor profundo e santo,
Qual sentia por meus paes.

Hoje esposa e mãe, ditosa,
Penso no consorte, ausente
Pela missão gloriosa
De vingar-te do insolente;
E nem eu teria amado
Aquelle, que, denodado,
Nao corresse voluntario
A irromolar sua vida,
Por mais dôce 'è appetecida,
Da patria no santuario.

Ao teu primeiro reclamo
Elle apressado partiu;
Nem assim menos te amo,

Porque a mim te preferiu.
Oh! si meu filho estivesse
'N uma idade, em que pudesse
Combater o vil caudilho,
Patria!—por Deus eu t'ó juro,—
Com o mesmo amor firme e puro
Eu vira partir meu filho.

Si, porem, debil infante,
Elle percorrer não vai
A larga estrada brilhante
Por onde marcha seu pae,
Um dia, inda que mais tarde,
No santo fogo, em que arde
Aquelle, a quem deve o ser,
Ha de, tambem se accendendo,
Pela patria combatendo,
Desaffrontal-a, ou morrer.

Tens, Brasil, em cada filho
Um defensor esforçado,
Que aviva, mo rendo, o brilho
D'esse teu aureo passado;
Que dá seu sangue mais puro,
P'ra se escrever no futuro

A tua famosa historia;
Que, na extrema agonia,
Solta notas de harmonia
Para os teus hymnos de gloria.

Porque assim vergas tua fronte altiva,
Tão pensativa, qual scismar de amor?
Quando teus filhos se ennobrecem tanto,
Buscas no manto te envolver da dôr?!

Ergue-a de novo; e essa fronte nobre
Não mais se dobre; que tão livre é;
Tem no Monarcha, que te rege os fados,
Qual teus soldados, esperança e fé!

Contempla ufano o teu audaz Barroso,
Esse famoso, endeosado heróe,
Que, desprezando do inimigo a sanha,
Com força estranha o seu poder destróe.

Nelson, Milti'des (*) da mansão celeste,
Pasmando d'este portentoso feito,
Mandam, depois de arrebatados vel-o,
De *Riachuelo* ao vencedor seu preito.

Contempla ainda o Almirante invicto,
Que, no conflicto trepidar não sabe,
Quando a tarefa de vencer inimigos,
Com mil perigos, por condão lhe cabe.

Leão na força e generoso animo,
Eil-o magnanimo exempção e vida
Dando aos vencidos, qu'imploravam graça
Na forte praça, que deixou rendida,

Queres, dos bravos, que eu prosiga ainda
Na lista infinda, meu paiz gentil?
Não vês a elles como a Europa inteira,
Mais justiceira, dá louvores mil?

Porque assim vergas tua fronte altiva
Tão pensativa, qual scismar de amor?

(*) Miltiades, general atheniense.

Quando teus filhos se ennobrecem tanto,
Buscas no manto te envolver da dôr?!



Ai! eu ja sei porque gemes,
Porque tanto te amofinas;
Porque assim a fronte inclinas
Vergada pelo pezar;
Sei que dos filhos briosos
Cobardias não receias;
Que bem lhes sentes nas veias
Sangue de bravos pular.

Nem são, patria da minh'alma,
Tuas lagrimas, choradas
Porque temas as ciladas
Do *paraguayo* traidor;
É sobre a lapida fria,
Que te esconde o filho morto,
Que, ao céu pedindo conforto,
Vertes teu pranto de dôr.

É pensando em teus guerreiros,
Em *Paysandú* immolados
Aos furores combinados
De *Aguirre* e *Gomez* voraz,
Que chóras, louvando o anjo,
Que ao diplomata inspirára
No momento em que assignára
A dóce, fecunda paz.

Chóras, patria, qual chorára
Jacob, quando o sangue vira,
Que as brancas vestes tingira
Do bom filho de Rachel;
Que outros, que a elle ficavam
Tão cheios de vida, e tantos,
Não lhe podiam os prantos
Enxugar da dôr cruel!

Chóras a *Marcilio Dias*,
Esse intrepido soldado,
Que succumbiu denodado
'N uma lucta desigual;
Chóras, porque ainda julgas
Ouvir de heroismo o grito,
Que o teu raro *Benedicto*
Soltou na hora final.

D'Yataly, Mercedes, Cuevas,
De *Riachuelo* as victorias,
São feitos de armas, são glorias,
Que te devem consolar;
A esses teus filhos caros,
A esses martyres santos,
Suffragios, emvez de prantos,
Rende, ó patria, aos pés do altar !

Ora por elles ! e essa fronte nobre
Não mais se dobre; que tão livre é;
Tem no Monarcha, que te rége os fados,
Qual teus soldados, esperança e fé !

9 de Outubro de 1865.

FIM.

INDICE.

	PAG.
Dedicatoria	v
Prologo	vii
A' S. M. a Imperatriz	1
Imitação do Snr. Aboim	5
A' morte de D. Julia Fetal	7
Ou são quatro as bellas Graças (<i>glosa</i>)	8
Como tu es (<i>á Angelina</i>)	9
A' Noite	12
A' Angelina (<i>no seu album</i>)	15
Do que gosto (<i>á Sophia</i>)	17
A' Violeta	20
Meus desejos (<i>á Angelina</i>)	24
A Saudade	26
A Aurora Brasileira	29
A despedida (<i>á Elisa</i>)	35
Minha lyra (<i>á Angelina</i>)	38
Soneto (<i>imitação</i>)	42
Ao Snr. Antonio Gonçalves Dias	43
Ao Snr. Augusto Frederico Colin	48
Falla-te? (<i>á Angelina</i>)	56
A pedido (<i>para um album</i>)	60
O delirio	62
Ao Amor	66
Porque te amo (<i>á Angelina</i>)	69
O céu de Agosto (<i>a meu irmão J. B. C. R.</i>)	72
A' Fontinha	76
Uma queixa	81
Tua lyra (<i>ao Snr. A. F. Colin</i>)	86
Teus olhos (<i>á Angelina</i>)	91
Ao meu coração	99

	PAG.
Os postiguinhos (<i>ao Snr. V. da P. B.</i>)....	102
Minha estrella.....	106
O Snr. Visconde da Pedra-branca á auctora	114
Não sei (<i>ao Snr. V. da Pedra-branca</i>)... ..	116
A Saudade (<i>á Elisa</i>)... ..	121
O sonho.....	126
O Snr. Antonio Gonçalves Dias a (auctora).	130
Ao Snr. Visconde da Pedra-branca.....	132
Uma supplica (<i>á meu Pae</i>)... ..	135
Que chuva! (<i>ao Snr. V da Pedra-branca</i>)... ..	139
Acrostico (<i>a Angelina</i>).....	142
Porque duvidas.. ..	143
Acrostico (<i>a Angelina</i>). .. .	149
Eu te amo.....	150
A <i>ngelina</i> (<i>no seu desposorio</i>). .. .	157
Dor e esperança. .. .	160
Aos annos do Snr. V. da Pedra-branca....	166
Ultimo adeus (<i>á morte do Snr. V. da P. B.</i>).	170
Uns olhos (<i>n'um album</i>). .. .	176
Canto Patriotico... ..	178
O Snr. Francisco Moniz Barretto á auctora (<i>no anniversario de seu natalicio</i>).....	185
A' Ex. ^{ma} Snra. D. Eudalina A. F. Bulhões (<i>no seu album</i>).....	189
A' Ex. ^{ma} Snra. D. Brasília Botelho (<i>no seu alb.</i>)	191
O meu Anjo da Guarda.....	194
Canto Patriotico.....	199

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).